

Cadernos de apoio e aprendizagem

LIBRAS

1º
ano



PROGRAMAS: LER E ESCREVER / ORIENTAÇÕES CURRICULARES

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de
Orientação Técnica.
Cadernos de apoio e aprendizagem: Libras – 1º ano (livro do professor)
Secretaria Municipal de Educação – São Paulo : SME / DOT, 2012.
100p. : il.
Bibliografia

ISBN: 978-85-60686-62-9
Acompanha DVD
1.Educação Especial I.Título

CDD 371.9

Código da Memória Técnica: SME42/2012

Prefeitura da Cidade de São Paulo

Prefeito
Gilberto Kassab

Secretaria Municipal de Educação

Secretária
Célia Regina Guidon Falótico

Secretário Adjunto
João Thiago de Oliveira Poço

Diretora da Assessoria Técnica de Planejamento
Sueli Aparecida de Paula Mondini

Diretora de Orientação Técnica
Regina Célia Lico Suzuki

Divisão de Orientação Técnica Educação Especial

Silvana Lucena dos Santos Drago

Adriana Sapede Rodrigues

Auta Adelaide Constantino Aihara

Luci Toreli Salatino

Monica Conforto Gargalaka

Monica Leone Garcia

Raquel Gomes

Sueli de Lima

Educação Infantil

Yara Maria Mattioli

Ensino Fundamental e Médio

Suzete de Souza Borelli

Educação de Jovens e Adultos

Rosa Maria Laquimia de Souza

Diretores Regionais de Educação

Eliane Seraphim Abrantes, Elizabeth Oliveira Dias,

Hatsue Ito, Isaías Pereira de Souza, José Waldir Gregio,

Leila Barbosa Oliva, Leila Portella Ferreira,

Lucimeire Cabral de Santana Freitas,

Maria Antonieta Carneiro, Marcelo Rinaldi,

Silvana Ribeiro de Faria, Sueli Chaves Eguchi,

Waldecir Navarrete Pelissoni

Equipe técnica de apoio da SME/DOT Educação Especial

Ari Osvaldo de Oliveira Silva

Jucelia de Paula Medeiros Malaquias

Concepção do Projeto

Silvana Lucena dos Santos Drago

Adriana Sapede Rodrigues

Mônica Conforto Gargalaka

Elaboração

SME/ DOT Educação Especial

Organização

Profa. Dra. Maria Cecília de Moura

Colaboradores – Equipe de Conteúdo

Aldeis Paula de Almeida

Amandine Alpha Marie Lorthiois

Ana Claudia Fossati Mota

Ana Cristina Camano Passos

Ana Luiza Pedroso de Lima

Sylvia Lia Grespan Neves

Colaboradores

Profa. Dra. Ana Cláudia Lodi

Profa. Dra. Ronice Müller de Quadros

Profa. Dra. Tanya A. Felipe

Amarilis Reto Ferreira

Ana Cláudia dos Santos Camargo

Katia Cerniauskas

Maria Aparecida Casado

Maria Izilda Ricetti Fernandes

Mônica Conforto Gargalaka

Patricia Barbosa da Silva

Sabine Antonialli Arena Vergamini

Sandra Regina Leite de Campos

Solange Schimitz Saraiva

**Agradecimento a todos os profissionais
que atuam na educação de surdos que
contribuíram para a realização deste material.**

Produção Editorial

Áurea Editora – www.aureaeditora.com.br

Direção Executiva

Dirceu Pereira Jr.

Coordenação

Andrea Iguma

Administração

Claudia Barbosa Pereira e Rosana Cristina Gutierrez

Supervisão e Revisão Libras

Eduardo Sabanovaite e Sylvia Lia Grespan Neves

Revisão Língua Portuguesa

Milton Bellintani

Diagramação Eletrônica

Marcos Veras e Bruno Matos

Produção Fotográfica de Libras

Gabriela Benvenuti Arruda

Ilustrações

Rogério Michieli

Tratamento Fotográfico de Libras

Andrea Iguma

Modelos Fotográficos

Cristiano Koyama, Henrique Almeida, Leandro Abud
Fonseca, Mikaelly Cavalcanti, Sueli Sakamoto Sabanovaite

Prezado professor,

Os Cadernos de Apoio e Aprendizagem - Libras, destinados aos estudantes do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, tem como finalidade contribuir para o trabalho docente visando à melhoria das aprendizagens dos alunos dentro da perspectiva bilíngue de educação de surdos.

Sua elaboração teve como critérios para seleção dos conteúdos o alcance das expectativas de aprendizagem contidas nos documentos de Orientações Curriculares e Proposição de Expectativas de Aprendizagem para o Ensino Fundamental - Língua Brasileira de Sinais, organizado por especialistas da área da surdez e coordenado pela Diretoria de Orientação Técnica – Educação Especial.

Destacamos que as atividades propostas foram elaboradas para favorecer aos alunos uma reflexão metalinguística sobre sua própria língua e para que usem ativamente seus conhecimentos na realização das atividades apresentadas.

É importante lembrar que esta obra não está recomendada como único recurso a ser utilizado para a aprendizagem dos estudantes. Ela deve ser complementada com atividades planejadas pelo professor, em função das características de sua turma, fazendo uso de outros livros didáticos, publicações da SME disponíveis nas escolas e de recursos digitais que você acreditar serem pertinentes para o avanço da aprendizagem de seus alunos.

Para cada ano de escolaridade foram produzidas sequências de atividades em Libras, gravadas em vídeo, e outras impressas contemplando alunos e professor.

Esperamos que a disponibilização dos Cadernos de Apoio e Aprendizagem - Libras para todos os alunos e professores possa contribuir para a construção de uma educação bilíngue de qualidade para surdos na Rede Municipal de Ensino de São Paulo.

Saudações

Secretaria Municipal de Educação de São Paulo

Índice

PARA INÍCIO DE CONVERSA.....	9
ORIENTAÇÕES	11
A SALA DE AULA	12
A ESCOLA	13
A CULTURA SURDA	13
A FAMÍLIA	14
O PROFESSOR	16
ALUNOS SURDOS COM MÚLTIPLAS DEFICIÊNCIAS	18
BIBLIOGRAFIA	21
UNIDADE 1 APRESENTAÇÕES E ROTINAS	23
UNIDADE 2 BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS	55
UNIDADE 3 CONTOS E POESIAS	63
UNIDADE 4 OUTROS TEXTOS	85
ANEXOS	97

PARA INÍCIO DE CONVERSA...

Pensar na criança Surda* nos remete à questão da língua de sinais e de sua importância para o desenvolvimento social, cognitivo e psíquico. É pela linguagem que todos nós somos colocados no mundo e aprendemos a nos comunicar, a pensar e nos organizar interiormente. Para que tudo isso possa acontecer, precisamos de uma língua. E para a criança surda a língua de sinais é a que ela pode adquirir naturalmente e que lhe possibilita um desenvolvimento pleno e sem fronteiras.

No Brasil, a língua de sinais utilizada pela comunidade surda é reconhecida pelo governo federal pela lei 10.436, de 24 de abril de 2002, e regulamentada pelo decreto 5.626, de dezembro de 2005. Sua utilização nos ambientes escolares é recomendada pelo decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, para que o surdo tenha a possibilidade de ter acesso ao conhecimento e possa se desenvolver de acordo com o seu potencial. A língua de sinais é uma língua visual e isso garante que o surdo, independentemente da perda auditiva, possa adquiri-la e se constituir como ser social, podendo pensar, opinar e adquirir a língua escrita da comunidade ouvinte.

É de extrema importância que a língua de sinais seja totalmente adquirida para que a criança possa dominá-la e se constituir como ser da linguagem. Somente com uma primeira língua solidamente adquirida é que a criança surda poderá aprender a sua segunda língua: a língua portuguesa.

Essa aprendizagem vai depender de suas habilidades numa primeira língua (no caso, a língua de sinais – Libras, no Brasil) como para qualquer criança bilíngue.

O grande desafio tem sido e é, até hoje, como propiciar essa aquisição da melhor forma possível. Se acreditarmos que a linguagem é desenvolvida no contexto social e imaginarmos que a criança Surda não tem acesso à língua de sinais por meio de interlocutores usuários e fluentes nesta língua no ambiente em que vive (pois a maioria é filha de pais ouvintes sem domínio da Libras), como a criança poderá adquirir a língua e desenvolver sua linguagem de forma a poder estar e se relacionar com o seu ambiente e usar a linguagem para se estruturar? Consideramos que esse é o papel da escola bilíngue para surdos.

Mas, como fazer isso? Algumas crianças chegam ao espaço escolar com um bom desenvolvimento de linguagem, tendo adquirido a Libras em outras escolas para surdos ou em outros ambientes. Outras podem não ter tido nenhum acesso à Libras e se encontrarem numa posição de grande déficit de aquisição de língua e, conseqüentemente, de linguagem. Tanto num caso como no outro, ainda que de forma diferente, há a necessidade de um trabalho específico que possibilite ou a aquisição da linguagem pela introdução da Libras ou a continuidade no desenvolvimento da mesma.

A criança ouvinte tem essa aquisição e desenvolvimento no contexto de suas relações sociais, no seu convívio diário com outros falantes de diferentes idades, estilos de conversação e gêneros de linguagem. Mesmo por meio da aquisição incidental da língua, a criança ouvinte desenvolve suas habilidades linguísticas e sua capacidade de desenvolver vários estilos e formas de conversar com os outros ou consigo mesma. Ainda assim, essas crianças ouvintes têm na escola atividades dirigidas para o seu aprimoramento linguístico. Para a criança Surda, a aquisição de uma língua e da linguagem deve ser propiciada e construída pelo espaço escolar. Torna-se necessário realizarmos um parêntese aqui, para tocarmos num aspecto muito importante: a família. Não se pode retirar o papel da família no desenvolvimento global e de linguagem da criança Surda. É de suma importância alertar e orientar a família para que também possibilite a aquisição de linguagem da criança, mas, normalmente, esse é um processo demorado por envolver aspectos psicológicos significativos e que devem ser levados em consideração quando se trabalha com a família.

Será no ambiente escolar que a criança terá condições de adquirir a língua e, conseqüentemente, de-

*A palavra “Surdo/a” está grafada com letra maiúscula para se referir ao indivíduo que, tendo uma perda auditiva, não está sendo caracterizado pela sua “deficiência”, mas pela sua condição de pertencer a um grupo minoritário com direito a uma cultura própria e a ser respeitado na sua diferença (MOURA, 2000).

envolver a sua linguagem da melhor forma possível, sem as restrições que normalmente estão presentes no ambiente doméstico (de natureza psicológica, como citamos anteriormente).

O problema que se coloca é: como fazer isso? De que forma propiciar um ambiente rico e estimulador para o desenvolvimento de linguagem da criança Surda? É importante reiterarmos que não se trata do ensino da Libras como código ou como mera repetição de Sinais. O que se deseja é que a Libras seja a primeira língua da criança para que ela possa se constituir como ser da linguagem: pensar, decidir, se organizar e organizar o mundo à sua volta. Enfim, ser um indivíduo ativo e atuante no seu ambiente, seja ele o doméstico, o profissional ou o social em um sentido mais amplo. Para que isso aconteça, a criança Surda precisa estar cercada de linguagem o tempo todo. Os adultos à sua volta, nas interlocuções dirigidas ou não a ela, os discursos de seus colegas, mais velhos ou mais novos, serão o modelo para que ela possa mais do que adquirir uma língua, adquirir seu status de falante e de ser comunicativo que pode influenciar o que acontece à sua volta.

Para isso, todos aqueles envolvidos na educação do surdo devem ter o cuidado de utilizar a Libras o tempo todo em que estiverem presentes seus alunos surdos, seja conversando com ouvintes ou com surdos. Uma sugestão é que o professor treine em situações informais, com colegas, a se comunicar por meio da Libras. Ele deverá se esforçar para que possa se habituar a essa forma de comunicação, que fará parte de sua vida sempre que estiver na escola, o que representa uma parte grande de seu dia.

Para que mudanças significativas aconteçam e novos hábitos sejam criados, é necessário persistência. Os colegas podem ajudar também. Peça para seu colega apontar quando perceber que você não está usando Libras. Acostume-se a não ouvir a sua própria voz. Quando estiver com seus colegas num ambiente em que não houver surdos, pode usar apenas o português, mas se no lugar em que você e seus colegas ouvintes estiverem existir surdos, use a Libras. A razão disso é que é muito importante que a criança Surda veja a Libras em diferentes contextos, não apenas quando a professora ou os colegas se dirigem a ela. É assim que a criança ouvinte apreende a língua: contextos e interlocutores diferentes, com idades diversas. Os assuntos devem variar também. Não se aprende conteúdos diversos apenas em situações moldadas para o desenvolvimento da linguagem. Na verdade, grande parte desse desenvolvimento se dá por escuta incidental, quando a criança acompanha a conversa de adultos, de seus irmãos, da televisão ou do rádio. A criança Surda não tem essa possibilidade e essa falta pode ser compensada na escola se todos se preocuparem em conversar usando a língua de sinais. A criança deve ter a oportunidade de saber opiniões diversas sobre os mais variados assuntos: a opinião sobre a qualidade da comida, as atividades programadas.

Faça um exercício e pense em tudo que uma criança ouvinte escuta durante o dia e que uma criança Surda perde. Possibilite que essas informações cheguem a ela. Não de forma intencional, mas de forma incidental. Isso possibilitará, mais do que o desenvolvimento de linguagem, uma ampliação de visão de mundo e a construção de um indivíduo mais crítico e conhecedor das diferentes formas de se estar no mundo. Pelo conhecimento incidental, opiniões são formadas, mundos são desenhados ainda que o professor não esteja se dirigindo diretamente ao aluno.

Além disso, é muito importante que no seu desenvolvimento linguístico, que não pode ser apartado do desenvolvimento cognitivo, social e psíquico, a criança possa saber que as pessoas usam estilos de linguagem diferentes conforme se dirigem a diferentes pessoas. A informalidade, a linguagem infantil, a expressão da raiva ou de outras emoções são capturadas pelas crianças nessas situações informais em que, apesar do discurso não lhes ser dirigido, o conteúdo passa a ser compreendido pela vivência e pela observação. Vocês vão verificar que algumas das atividades estão voltadas para o desenvolvimento da atenção visual, e é muito importante que isso possa acontecer. Interessante e divertido, mas o verdadeiro treino da atenção se dá pela possibilidade de estar envolvida por situações linguísticas significativas que fazem com que a curiosidade natural da criança seja aguçada e ela possa prestar atenção, mesmo quando não sabe que está fazendo isso.

Na verdade, todos os exercícios aqui contidos servem como uma aprendizagem que não deve deixar

de lado o que é mais importante: a relação comunicativa e afetiva que deve estar presente em todas as situações de sala de aula. A linguagem não pode ser construída de forma compulsória, mas apenas de forma natural e prazerosa. É assim que acontece com a criança ouvinte e é assim que deverá acontecer com a criança surda. É sabido que as situações que envolvem a satisfação e o brincar levam a uma aprendizagem mais duradoura – as relações sinápticas no cérebro se realizam de maneira muito efetiva, levando a uma real aquisição de linguagem.

ORIENTAÇÕES

As propostas aqui contidas podem e devem ser utilizadas para auxiliar no desenvolvimento da língua de sinais pelas crianças Surdas e foram planejadas de acordo com o desenvolvimento linguístico, cognitivo e psíquico das crianças considerando as diferentes faixas etárias, mas desejamos que fique muito claro que todas as situações são propícias para promover o desenvolvimento linguístico das crianças.

O professor tem um papel essencial na vida de qualquer criança e adolescente, até mesmo do adulto. É importante que o professor saiba de seu papel e da influência dele no desenvolvimento de seu aluno. Se isso é válido para a criança ouvinte, mais ainda o é para a criança Surda. É na escola que ela encontra uma língua que a respeita em sua diferença e um ou vários adultos (em uma situação ideal) com os quais pode se comunicar, trocar experiências e se tornar ser da linguagem e estabelecer relações. Nunca é demais repetir: é na escola, e com os interlocutores usuários da Libras, que ela poderá construir a sua identidade de forma íntegra e se desenvolver de forma plena.

Desejamos enfatizar mais uma vez que lidamos com crianças Surdas em desenvolvimento de linguagem, e que a escola bilíngue para surdos é o espaço privilegiado para que essa aquisição aconteça de forma plena. Mas, para que essa aquisição aconteça é necessário que os professores, orientadores, diretores, coordenadores, ou melhor, toda a equipe da escola, tenha clareza sobre qual concepção de linguagem estamos falando. Linguagem é compreendida aqui no seu sentido mais amplo, presente na prática de interação sociocomunicativa e responsável pela criação de sentidos. Por essa razão, consideramos importante que se compreenda que todo trabalho do professor deve se basear em situações reais de comunicação e interação nos mais diferentes gêneros discursivos.

Mesmo que esse livro traga exercícios que estão voltados para o desenvolvimento de linguagem e da língua de sinais nas atividades escolares, o professor deve ter a preocupação de criar condições verdadeiras de comunicação. Por exemplo, quando numa atividade se pede para o professor perguntar para o estudante o que ele fez no dia anterior, essa pergunta deve estar carregada de intenção comunicativa e não ser apenas uma pergunta a ser respondida para se cumprir o que está estabelecido no manual.

Este livro não deve, portanto, ser visto como um manual, mas como uma compilação de ideias que podem ajudar o professor na sua vida diária com o estudante surdo.

Se o professor estiver envolvido, realmente, com o que está sendo feito, ele poderá lançar mão de seus próprios conhecimentos conversacionais para promover respostas cada vez mais ricas de seus estudantes.

O professor deve ter claro também que o desenvolvimento de linguagem não se dá apenas com um interlocutor, como apontamos acima, mas com uma variedade de interlocutores. Para isso, o professor deve contar com o auxílio de todos os estudantes da classe. As atividades devem ser realizadas de forma que todos possam participar e colaborar. Diferentes níveis de proficiência na língua são esperados entre os diversos membros do grupo. Muitas são as razões que levam isso a acontecer, mas o mais importante é aproveitar as situações da melhor maneira possível, incluindo aqueles que falam pouco por terem um repertório linguístico ainda não tão desenvolvido como o de seus colegas ou aquelas crianças Surdas com outros comprometimentos.

Pensando nesses aspectos, o professor deve dirigir as questões para todos os estudantes, tentando incluir aqueles que se mostram menos prolixos ou com um nível de linguagem menos adiantado. Além disso, o professor deveria contar com a ajuda de estudantes mais velhos, que poderiam enriquecer as situações

dialógicas ou instrucionais por terem uma proficiência maior em Libras, além de representarem outra forma de expressão – como o fazem todos os jovens. Estilos diferentes, formas diferentes de dizer coisas semelhantes, representam uma grande oportunidade para expandir o universo linguístico do estudante. A presença de estudantes surdos mais velhos possibilita algo que também é buscado num trabalho bilíngue de qualidade, qualquer que seja a língua utilizada: a construção de uma identidade íntegra baseada na semelhança com os iguais. Muitas crianças Surdas só terão a possibilidade de saber que existem outros surdos na escola dessa forma. Afinal, elas vêm de famílias ouvintes. Saber que existem colegas mais velhos que lhes podem ensinar coisas pode ser uma situação extremamente rica.

Por essa razão, sugerimos algumas atividades em que se espera que o professor possa contar com esses estudantes mais velhos que enriquecerão o universo linguístico dos mais jovens e que também se beneficiarão com essa atividade: se tornarão parte de um grupo que funciona de forma harmoniosa dentro da escola, buscando o que todos desejamos: um ambiente rico e cheio de possibilidades. A formação e a consolidação da identidade desses estudantes mais velhos serão solidificadas com essa ação – a de ser membro da equipe, ainda que de forma indireta.

A SALA DE AULA

Outro aspecto importante que não pode ser deixado de lado é o de que o ambiente escolar deve ser rico de estímulos visuais dos mais diferentes tipos. A criança deve ser encorajada a explorar brinquedos, livros, revistas e conversar a respeito. Todo material deve ser estimulante e variado. Isso não significa que deve ser material caro. Os jogos aqui propostos que forem elaborados em sala ou trazidos de casa podem ser guardados na própria sala de aula, para que possam ser recuperados pelas crianças nas situações lúdicas.

Deve-se criar na sala de aula a experiência social de conversar sobre os materiais feitos, expandindo o assunto para além da sua produção. O fato de se dar valor à autoria também é um elemento que possibilita o desenvolvimento da criança em todos os aspectos. O relato de um caso, de um acontecimento, um desenho, é uma autoria. Conversar sobre ele implica em dar valor à produção da criança e, consequentemente, à própria criança.

Contar histórias deve ser uma atividade compartilhada com os colegas. As histórias podem ser dos mais diferentes tipos: histórias tradicionais, do folclore brasileiro, da família, da comunidade Surda, de vida, de desenhos animados ou de filmes vistos. O importante é que todas as crianças compartilhem as histórias, se interessem pela história contada e desejem saber mais sobre aquilo que está sendo vivido no grupo. O professor tem um grande papel nessa atividade. Ele deve levar a criança a contar a história com coerência pela clareza da mensagem. Ele pode fazer isso ajudando a criança a reorganizar seu discurso, explicando melhor aspectos ou trechos que ainda ficaram confusos. Essas são situações muito ricas para as crianças adquirirem noções de tempo, causalidade, espacialidade, pronomes pessoais, possessivos, interrogativos, etc. Apesar de este livro conter exercícios específicos que lidam com todos esses elementos, será na conversa, na reconstrução do discurso da criança que ela poderá realizar suas descobertas quanto à linguagem.

Quando a criança formula seu discurso de maneira própria, isso acontece em razão de essa ser a forma pela qual ela conseguiu fazê-lo. A tarefa do professor é dirigir a criança para uma formulação mais adequada. Nesse primeiro momento, adequação deve ser compreendida como clareza de mensagem e, portanto, o professor não deve estar preocupado com adequação gramatical, mas tão somente com a inteligibilidade conceitual do que está sendo dito.

Repetimos, será papel do professor construir esse discurso com a criança por meio de perguntas que a leve a reformular e se adequar, sem perceber que está sendo levada nesse caminho. As outras crianças, presenciando essa troca entre professor e colega, também se beneficiarão na sua construção de linguagem. Afinal, não podemos esquecer que a linguagem é adquirida em contextos sociais significativos em que as

experiências linguísticas são compartilhadas. Nesse processo é necessário que o adulto desempenhe seu papel de gestor de situações, mas é importante que a criança possa ter colegas da mesma idade (ou de idade semelhante) para compartilhar suas experiências.

A ESCOLA

A escola tem que ser pensada como lugar de construção de conhecimentos, de compartilhamento de ideias. No caso do estudante surdo, será a escola, principalmente no papel do professor, que lhe fornecerá o ambiente linguístico para que ele possa se constituir como sujeito da linguagem, como dissemos anteriormente. Dizemos “principalmente no papel do professor” em razão de não ser esse o único interlocutor em Libras que deve estar presente na escola. Espera-se que todos os funcionários da escola possam se comunicar com o estudante por meio da Libras. Não será papel deles a construção da linguagem da mesma forma que o é para o professor, mas a criança deve ter a seu redor acesso a Libras nas mais diferentes formas, com os mais diferentes interlocutores. Claro que o nível de proficiência exigido para os funcionários é menor do que aquele pedido aos professores e à equipe educacional, mas deve ser suficiente para que o aluno possa obter o que deseja dentro da escola.

A presença constante da língua de sinais possibilita que o estudante, em qualquer idade, possa se comunicar, construir sua linguagem em situações significativas e não artificiais e, principalmente, saber que a sua língua é respeitada naquele espaço. Ele poderá crescer sabendo que diferentes interlocutores têm níveis de proficiência diferentes, que são ouvintes, mas que aprenderam a língua de sinais e são capazes de se comunicar com ele. A base do respeito será, assim, plantada.

É importante frisar que a escola não deve funcionar apenas como lugar de ensino de língua ou de conteúdos escolares, mas também sendo o lugar privilegiado para o estudante surdo, onde a cultura surda pode estar presente. Essa cultura diz respeito a formas específicas de estar no mundo, mas principalmente se relaciona ao valor que se dá à língua de sinais, à comunidade e à identidade surdas. Dessa forma, ter a Libras presente em todos os ambientes possibilita que o estudante possa se saber membro de uma comunidade linguística minoritária, com uma forma particular de estar no mundo: usando a visão para se comunicar e compreender o que o cerca.

A CULTURA SURDA

O respeito pela forma especial do surdo estar no mundo passa também por maneiras de inseri-lo no mundo em que vive e a escola é parte importante desse mundo, pois ele passa boa parte de seu dia nesse espaço. Por essa razão, é importante que ele possa ter acesso a informações que são trazidas pelo som, mas que lhe devem ser traduzidas por uma forma que possa percebê-las. Por exemplo, o sinal da escola. Ele não pode ser percebido auditivamente, mas o pode ser de uma forma muito simples: com a luz piscando em lugar do som. Se alguém bate na porta pedindo autorização para entrar, também se pode adaptar um interruptor que acenda e apague a luz da sala de aula, de forma que os estudantes percebam que alguém deseja entrar. Chamar a atenção dos estudantes com o piscar de luzes na sala de aula também é uma estratégia inteligente, que surte grande resultado para fazer com que eles olhem em direção à professora.

Os aspectos acima citados são tidos, por alguns, como aspectos da cultura surda, mas desejamos enfatizar aqui que o respeito pela diferença e o uso de adaptações como essas citadas é que dizem para os estudantes que eles são respeitados como surdos e é nesse respeito que se embasa a cultura que faz com que eles possam se saber diferentes, mas especiais – como todos têm o direito de ser: não pela deficiência, mas pela forma de serem tratados. É no convívio social, em que aspectos da vida coletiva são respeitados e novas relações são estabelecidas, que a possibilidade de se ver como membro de um grupo cultural próprio e que deve ser respeitado se estabelece. O indivíduo não nasce

sabendo de seus valores culturais, pois a cultura não é um aspecto intrínseco que ele carrega, mas é fruto de posicionamentos e de formas que o ambiente social propicia para que esses valores venham a ser introjetados, servindo de base para o posicionamento confortável do indivíduo na sociedade. Tendo interiorizado essa forma de estar no mundo, que passa pelo respeito à língua de sinais, mas não apenas por ela, o indivíduo poderá saber de seu lugar na sociedade e se determinar como alguém capaz de estar no mundo e de mudar o que for preciso para ter seus direitos assegurados. Desde que se entende a cultura como valor coletivo, a escola tem esse papel: mostrar para o estudante que ele pode se constituir como membro de um grupo maior, que deve buscar seus direitos coletivos.

Dessa forma, são apresentados exercícios que têm como foco a cultura surda. Assim, será possível inserir a criança Surda na cultura de seus pares, bem como lhe mostrar que existe uma história na educação dos surdos, que existem outras escolas de crianças surdas, associações, etc.

Pode parecer precoce falar dessa questão num momento tão inicial de escolaridade devido à idade das crianças, mas devemos entender que a criança ouvinte estabelece seus valores culturais desde que nasce e que esses valores são transmitidos por meio da postura dos pais, dos professores e da própria escola e que são transmitidos pela linguagem. A escola para surdos será o lugar por excelência, nesse momento inicial, para transmitir esses valores, ainda que não de forma explícita, mas pela forma como lida com o respeito pelo modo de essas crianças estarem no mundo. Vê-se, portanto, que um aspecto tão simples como adaptar o ambiente para receber informações pela luz, em vez de estas serem recebidas pelo som, pode dar a elas a dimensão de respeito e possibilitar um comportamento adequado para o que está acontecendo naquele momento.

Se pensarmos numa classe inicial na escola, é importante observar que as crianças não saberão por si só que esse sinais luminosos se referem a pedidos de atenção, a avisos de alguém batendo na porta ou de que é hora do recreio (ou de voltar para a sala de aula). É papel do professor ensinar às crianças o significado desse códigos e os comportamentos esperados para cada um deles e, para isso, o educador irá lançar mão da linguagem. A linguagem servirá também para estabelecer, por exemplo, de quem será a vez de abrir a porta quando alguém desejar entrar, quem perguntará ao visitante o que deseja e de transmitir ao professor o que alguém veio ali fazer. Para isso, algumas regras sociais serão seguidas e isso servirá de aprendizagem para esses estudantes sobre formas de se comportar com estranhos ou com pessoas não tão familiares. Devemos pensar que várias formas de estar no mundo que são tão naturais nas crianças ouvintes foram aprendidas por elas em casa, mas que as crianças surdas não tiveram essa oportunidade, devendo ser papel do professor realizar esse ensino.

A FAMÍLIA

Pensarmos em tudo que uma criança Surda deixa de aprender em casa, por ser filha de pais ouvintes, leva à organização de ações que possam ajudar os pais a propiciar em casa situações de aprendizagem – não apenas para a aquisição da linguagem, mas também de comportamentos sociais que são transmitidos por meio da linguagem.

Mesmo conscientes de que essas são tarefas muito mais difíceis para os pais de crianças surdas do que os são para pais de crianças ouvintes, não se pode deixar de lado a importância que a família tem para o desenvolvimento integral da criança Surda. Queremos deixar claro que o papel da família, como o da escola, não se limita a questões relacionadas à aquisição ou à aprendizagem de uma primeira ou segunda língua, mas ao desenvolvimento social, cognitivo e psíquico da criança Surda. Na verdade, essa é uma afirmação que se encaixa tanto para crianças surdas como ouvintes. O lar e a escola têm papéis muito importantes na estruturação de qualquer criança, tanto do ponto de vista social e afetivo como do ponto de vista neurológico.

Como a escola, particularmente o professor, pode realizar esse trabalho junto às famílias? Pode-se imaginar que a maioria dos pais pouco sabe sobre a surdez, a Libras, os aparelhos auditivos, o de-

envolvimento de linguagem, aquisição de língua e de L1 e de L2. Se mesmo para os profissionais que estudam esses aspectos há tanto tempo existem dúvidas, o que dizer dos pais que ouvem uma ou outra informação esparsa e que, geralmente, não têm interlocutores que lhes respondam as angústias e as dúvidas que aparecem no dia a dia, no convívio com a criança. É aí que entra o professor, que poderá propiciar situações de interlocução com os pais, que poderá escutar suas demandas e tentar, na medida do possível, respondê-las.

Muitas vezes, esses pais têm dúvidas com relação à possibilidade de desenvolvimento de seus filhos. Não porque desejam duvidar, mas porque desconhecem as reais possibilidades de seus filhos. Além disso, muitos pais são bombardeados com informações contraditórias a respeito da importância da Libras para o desenvolvimento de seus filhos, do papel do Implante Coclear, da verdadeira utilidade dos aparelhos de amplificação sonora, de como as crianças podem (ou não) desenvolver a fala, etc. Eles também não sabem como o filho irá aprender a ler e a escrever, e como poderiam ajudá-lo em casa.

Antes mesmo de falar sobre a ajuda para as tarefas que envolvem a leitura e a escrita, deve-se conscientizar os pais de seu papel no desenvolvimento de linguagem de seus filhos. Desde que as crianças surdas estão adquirindo a Libras na escola, será papel dos pais ajudarem seus filhos nessa aquisição em casa. Mas para isso, os pais também precisam aprender Libras. No entanto, não basta o professor orientar onde eles poderão fazer o curso ou providenciar um curso dentro da escola. É necessário, como foi dito acima, que eles possam contar com um espaço para poderem levar as suas dúvidas, angústias e desejos. A apropriação de qualquer assunto é melhor realizada quando há motivação para fazê-lo. E a motivação passa pela compreensão do que significa essa aprendizagem para o desenvolvimento de seus filhos. Esse será o papel do professor nesse momento em que a criança inicia o seu processo educacional formal. Apenas após os pais saberem o que é a Libras, para que serve, o que a escola estará propondo para seus filhos por meio do uso da Língua de Sinais é que se poderá propor que eles sejam parceiros da escola nas atividades a serem desenvolvidas em casa com seus filhos.

É importante também que atividades de dramatização, festas, etc., sejam partilhadas pelos familiares, que poderão, assim, presenciar o progresso de seus filhos, compreender o papel da língua e da linguagem em seu desenvolvimento e entender que eles muito podem fazer para ajudar nesse processo.

Nessas atividades na escola, é importante propiciar também que os pais tenham contato com surdos de diferentes idades para poderem compreender como seus filhos serão quando adultos. Na verdade, esse é um papel muito importante da escola para as próprias crianças surdas, que, muitas vezes, por serem filhas de pais ouvintes, nunca viram outros surdos mais velhos. Estar em contato com outros significativos de diferentes idades e com distintos backgrounds é que possibilita à criança e à sua família a construção de hipóteses de vir a ser. Saber que uma pessoa surda pode ter um papel profissional de destaque no contexto escolar é um grande incentivo para que os pais e os estudantes surdos possam se ver como pessoas que podem sonhar em vir a ser.

Ao falarmos na questão de possibilitarmos, no ambiente escolar e no trabalho com os pais, a construção de um ambiente linguístico rico, no qual a criança Surda possa se constituir como sujeito de si mesma, chamamos a atenção para que todos aqueles envolvidos nesse trabalho cumpram uma exigência muito importante: ter altas expectativas com relação ao estudante surdo na escola, devendo transmitir essa alta expectativa aos pais para que eles possam reproduzi-la em casa. Para isso, não existem tarefas específicas, nem jogos, mas uma construção interna com relação ao que cada um pensa sobre o seu aluno surdo.

Quando os pais ajudam seus filhos nas lições de casa, e existem muitas aqui descritas que deverão ser realizadas em casa, eles estão trabalhando na constituição da linguagem de seus filhos. Isso não deve ser visto como uma obrigação enfadonha e difícil de ser realizada, mas como algo a ser compartilhado entre pais e filhos. Realizando essas atividades, os pais poderão mudar o que pensam de seus filhos, percebendo-os como capazes.

O PROFESSOR

Muitos profissionais, por já terem vivido situações de frustração frente ao trabalho educacional com a criança ou com o adolescente surdo, os consideram, muitas vezes, de uma forma não intencional, incapazes de muitas coisas, principalmente do desenvolvimento de linguagem e de habilidades de letramento semelhantes às daquelas dos ouvintes. É importante que esses pré-conceitos sejam substituídos por outros que percebem o surdo como capaz, desde que lhe sejam dadas condições de desenvolvimento. É isso que trazemos neste livro e nos outros que se seguirão: a organização de atividades que possibilitarão que o professor dê condições de constituição de linguagem e de aquisição de língua pelo estudante surdo. Mas, repetimos: se os exercícios propostos, se as atividades linguísticas aqui descritas forem vistas pelo professor como algo inatingível pelo seu aluno, isso prejudicará o desenvolvimento das atividades e do aluno.

Desejamos repetir que tudo que aqui é proposto é apenas parte do que deve ser realizado na sala de aula. A linguagem está em constante construção nas atividades dialógicas que se estabelecem no contato entre interlocutores. Mas, para existir contato real, eu tenho que considerar meu interlocutor como capaz de me compreender e de me responder. Esperamos que o professor, baseado no que aqui é exposto, possa criar as suas próprias situações de trabalho, registrando-as para compartilhar com seus pares que serão beneficiados com o que for assim construído.

O professor deve acreditar no processo que cada criança percorre, acreditando na sua habilidade em aprender uma língua. Precisa-se sempre ter em mente que as crianças conseguem vencer os obstáculos que lhes são colocados à frente quando estão prontas para isso. Como o professor poderá saber se a criança está pronta? Quando ela mostrar interesse em saber ou em resolver um problema ou uma questão que lhe é colocada pelo professor ou pelos colegas. Enquanto isso não acontecer, é papel do professor incentivá-la e mostrar satisfação quando ela se empenha e resolve uma situação problema.

Vamos retomar alguns pontos que são de extrema importância para que uma proposta bilíngue para surdos seja efetiva:

- A Língua de Sinais não é ensinada, mas adquirida. Para que essa aquisição se dê de forma natural e prazerosa, o professor deve se preocupar em se comunicar com o aluno de forma fluida e interessada.
- Perguntar, apenas por perguntar, sem se interessar na resposta que vai ser dada, corta o vínculo comunicativo, não possibilitando um desenvolvimento de linguagem completo. Isso é válido tanto para as situações e brincadeiras propostas neste livro como para aquelas situações informais que estão presentes em todos os momentos na sala de aula.
- Para que um bom desenvolvimento de linguagem aconteça, é necessário que não apenas a criança responda ou fale alguma coisa, mas que ela “aprenda a olhar” e mantenha esse olhar sempre. Aprender a olhar significa que a professora vai contar coisas para os alunos e estará atenta às suas respostas que podem estar presentes apenas na forma pela qual a criança reage ao relato (com atenção, com olhar perdido, etc.).
- A criança é naturalmente curiosa e o professor deve lançar mão dessa característica infantil para fazer com que ela possa se interessar pelas situações comunicativas propostas em sala de aula. O que deve ser trabalhado sempre deve estar associado ao que ela deseja aprender. Deixe que a curiosidade natural a incentive a querer saber e aprender.
- É importante salientar que pode existir uma variação muito grande entre as crianças que iniciam a sua trajetória escolar. Algumas podem já dominar a Libras, outras podem saber alguns poucos sinais e ainda outras não a conhecerem de maneira alguma. Essa diversidade deve ser respeitada, pois todos adquirirão Libras no seu próprio ritmo. Não subestime uma criança por ela não saber nada de Libras. Já foi falado anteriormente que a língua não é algo que está pronto na criança, seja

ela surda ou ouvinte. Ela é adquirida nas relações sociais. Será no espaço educacional que a Libras poderá ser adquirida por ser partilhada. Também não superestime aquelas que aparentemente já sabem Libras, elas podem saber se comunicar, nomear, mas podem existir aspectos da língua que deverão ser ampliados, tanto no que se refere à gramática quanto ao discurso. Todas as crianças podem se beneficiar das atividades aqui propostas.

- A criança precisa aprender a ter confiança em suas habilidades. Pode ser que as crianças surdas que iniciam o seu processo educacional tenham passado por situações de frustração por não serem compreendidas ou por não compreenderem o que acontecia à sua volta. Essas vivências podem levar ao desenvolvimento de uma autoestima rebaixada, que pode cercear a sua capacidade de aprendizagem de situações educacionais, ainda que altamente motivadoras. É papel do professor incentiva-las, celebrando as suas conquistas e lhes mostrando o quanto são capazes.
- Sempre que possível, explique a diferença entre a Libras e o português, não do ponto de vista da gramática, mas apenas como uma constatação. Pode-se apontar quando uma e outra língua é usada, quem usa cada uma delas, qual é a encontrada na escrita. Isso servirá de base para a análise linguística que será feita posteriormente e que veremos a partir do terceiro ano.

Todos os assuntos abordados neste livro como sugestões de trabalho buscaram ser do interesse das crianças, seja pela faixa etária ou pela possibilidade de fazer parte da sua vida. É importante que assuntos trazidos pelas crianças, mesmo que não estejam na pauta de planejamento daquele dia, possam ser abordadas e expandidas. Por exemplo: se o assunto do momento é futebol, em razão da Copa do Mundo ou de algum campeonato importante e os alunos trazem perguntas relacionadas a esse assunto, ele deve ser explorado e deve ser dada atenção a essa demanda. O planejamento é importante, norteia as atividades e situa o professor no seu fazer, mas não deve impedir a espontaneidade quando o assunto é língua e linguagem.

O professor, na sala de aula, tem inúmeras possibilidades de fazer com que a criança aprenda de uma forma informal, levando-a a se socializar. Isso é particularmente importante para promover a autonomia do indivíduo. Sempre que surgir uma indagação – e sabemos que perguntas são sempre bem-vindas –, o professor deve verificar se não há uma forma da criança conseguir a resposta por ela mesma. Pode ser procurando num livro ou perguntando para um colega. O professor pode até mesmo sugerir que ela busque a resposta na hora do recreio, com os colegas mais velhos ou com outro professor. Claro que, no começo, essas situações devem ser lidadas dentro da sala de aula, mas gradativamente deverá incentivar o seu aluno a buscar e a compartilhar a resposta com todos na sala.

Ainda com respeito à gramática da Libras, já afirmamos que ela não é objeto de estudo ou de análise neste momento, mas ela deve estar presente na mente do professor e usada na sua riqueza gramatical.

O professor deve sempre se lembrar que a competência em Libras é que determinará a base para a aprendizagem do português escrito. Para que tenha êxito em seu trabalho de letramento, ele deve ter claro que para a criança adquirir a língua escrita ela deverá ter domínio da língua de sinais. Além disso, para que as duas línguas sejam valorizadas e tenham o papel que de direito devem ter na vida das crianças, ambas devem ter o mesmo status. Uma não pode se destacar em relação à outra como uma língua de maior importância.

O professor deve compreender que os acertos e erros que a criança comete, e o fato deles ocorrerem mostra um processo completamente normal, são indicativos da fase em que a criança está no seu desenvolvimento de linguagem. É claro que é muito mais fácil detectar esses “erros” na língua que o professor domina mais (português, para os professores ouvintes). Por exemplo, quando a criança ouvinte fala: “Eu *fazi* um desenho para você”, os falantes nativos de português compreendem o erro e repetem a forma correta sem corrigi-la, mas contextualizando o mesmo verbo em outra situação: “Ah, eu também fiz, mas é diferente do seu.” Essa regra também serve para a Libras. Quando a criança usa

uma direcionalidade equivocada para um verbo, como “AJUDAR”, por exemplo, o professor pode repetir o que ela quis dizer usando a direcionalidade adequada. Isso mostra que a criança está em processo de aquisição daquele traço linguístico, mas que ainda não interiorizou todas as regras que regem o uso dessa forma de uso da língua. O professor pode, então, possibilitar o uso de outros verbos direcionais, com diferentes interlocutores para que o processo de aquisição seja facilitado. Um aspecto importante a ser considerado é que erros consistentes demonstram falta de conhecimento de uma parte do sistema da língua, enquanto que erros inconsistentes demonstram um controle insuficiente do que foi aprendido. A análise dos tipos de erros demanda estratégias diferentes. A falta de conhecimento da maioria dos estudantes deve levar o professor a retomar os exercícios propostos, ainda que de forma diferente mas com o mesmo objetivo. O controle insuficiente demanda que aspectos específicos sejam retomados e pedidos a eles.

Para que todo o trabalho possa acontecer de forma coesa e com sucesso, é necessário que as atitudes do professor em direção aos estudantes sejam sempre positivas. Os “erros” fazem parte da aprendizagem e devem servir de indicadores de formas de trabalho e não de falhas do aluno ou do professor. Para que um desenvolvimento de linguagem seja bem-sucedido é necessário que a criança tenha a oportunidade de variada interação social e cultural: diferentes interlocutores em diferentes situações. O professor deve procurar todos os recursos disponíveis na escola para que isso venha a ocorrer: alunos mais velhos que possam ir à sala de aula para trocar experiências ou para contar histórias, outros professores convidados para uma comemoração de aniversário, etc. Apesar de trazermos inúmeras sugestões de atividades, o professor deve lembrar que ele é autônomo para decidir o que é melhor para a sua classe: quantas vezes uma atividade deve ser repetida, quem deve ser o interlocutor principal, qual criança deve ser mais incentivada, etc. Nunca se deve esquecer que quando se fala de desenvolvimento de linguagem cada criança reage de uma forma. O processo de aquisição é único para cada criança, como cada criança tem o seu funcionamento de forma única e isso deve ser respeitado.

ALUNOS SURDOS COM MÚLTIPLAS DEFICIÊNCIAS

É importante colocarmos uma observação com relação às crianças com outros comprometimentos. Cada vez mais essas crianças passam a frequentar a escola para surdos. Esse é um dado muito positivo, já que até pouco tempo elas ficavam segregadas em casa sem possibilidade de nenhum trabalho educacional. Por outro lado, essas crianças impõem um desafio para o professor. O que deve estar em foco é que essas crianças necessitam também de Libras como primeira língua, mas que seu desenvolvimento pode ocorrer de forma diferente das crianças surdas sem outros comprometimentos. O professor deverá ficar atento às formas especiais que essas crianças necessitarão para realizar seu processo de aquisição de linguagem, ao mesmo tempo em que deverá trabalhar com o grupo classe no sentido de fazer todos os estudantes compreenderem as necessidades especiais diferentes desses alunos. Com crianças com necessidades especiais com as quais o professor não souber lidar, há a necessidade de buscar ajuda específica para que o trabalho possa ser realizado da melhor maneira possível.

Essas crianças representam um desafio ainda maior, mas elas, como as outras crianças, têm enorme necessidade de contato e de comunicação e isso lhes deve ser propiciado. Além disso, o professor deve levar em conta o tempo que essas crianças precisam para construir o conhecimento e não se angustiar com esse tempo mais demorado e com a necessidade de retomar mais vezes às atividades programadas. Os outros alunos podem ser de grande ajuda, mostrando para essas crianças aspectos por elas não percebidos, sem que haja a necessidade de uma correção.

Gostaríamos de retomar um aspecto muito importante com relação à aquisição da primeira língua

em geral: essa experiência está ligada para qualquer criança às suas próprias experiências de vida. Essas experiências devem ser aproveitadas para que a aquisição ocorra da forma mais completa possível.

Por essa razão, é importante observar que, nesse primeiro momento, deve-se dar maior ênfase às experiências vivenciadas em situações concretas e pertencentes ao universo da própria criança. Espera-se, nesse primeiro momento, que a criança possa se referir a situações e acontecimentos próximos a ela e que lhe seja mais fácil analisar coisas que estejam presentes fisicamente. O professor deve ter isso em mente e fazer com que as situações se tornem mais práticas na medida do possível, principalmente quando perceber as dificuldades que as crianças venham demonstrar no seu processo de aquisição de linguagem.

Para finalizar, vamos retomar algumas estratégias que podem ajudar o trabalho do professor e facilitar a aquisição de linguagem das crianças:

- É muito importante manter a atenção visual da criança.
- No início do processo, dê preferência a livros que tenham desenhos coloridos e contem histórias relacionadas às experiências delas.
- Se a criança não conseguir manter a atenção para situações de linguagem mais amplas, tente sinalizar dentro do seu foco de atenção.
- Na contação de histórias, incorpore o livro como parte da língua de sinais. Para isso, use e abuse das figuras e do que elas transmitem, e faça sinais de amplitude menor perto do livro – ficando atento para a direção do olhar da criança.
- Se a atenção da criança for muito pequena, sinalize no corpo da criança.
- Quando uma história é contada, pode-se medir o interesse das crianças pelo silêncio e pela atenção que elas prestam na história. Quanto maior o silêncio e a atenção, maior o envolvimento delas com o que está sendo contado. Mude a estratégia se elas não demonstrarem interesse.
- Repetir as histórias contadas é muito útil para o desenvolvimento de estratégias como previsão e antecipação e as crianças adoram que a mesma história seja contada repetidas vezes. Além disso, a compreensão da história se torna mais completa a cada vez que uma história é lida novamente.
- Use a seguinte estratégia: na primeira vez em que a história for contada, o foco deve ser nas ideias principais e nos conceitos básicos da mesma. As descrições detalhadas devem ficar para as outras vezes em que a história é novamente contada.
- Fique o mais próximo possível da criança, para tocá-la quando necessário, obtendo assim a sua atenção.
- A expressão facial faz parte da língua de sinais: use-a de forma significativa.
- É importante que o ambiente na sala de aula tenha um clima positivo e que errar não seja um problema. As crianças devem se sentir confortáveis para participar e arriscar respostas e ações.
- Quando o professor sentir que as crianças não estão compreendendo a atividade, ele deve fornecer informação adicional e pistas contextuais.
- As perguntas dirigidas às crianças devem ser contextualizadas e devem exigir a sua participação ativa e raciocínio. O professor deve demonstrar interesse genuíno para as respostas dadas.
- É papel do professor servir de mediador para a compreensão de todas as atividades propostas. Para isso, ele deve estar atento à expressão facial e as respostas das crianças.
- Sempre que possível, o professor deve relacionar as atividades propostas às experiências das próprias crianças.

BIBLIOGRAFIA

BAGNO, M.; STUBBS, M.; GAGNÉ, G. **Língua materna – letramento, variação e ensino**. São Paulo. Parábola Editorial: 2002.

DAVIES, S.N. **Educating deaf children bilingually**. Washington, DC. Gallaudet Press: 1995.

ERTING, L.; JUDY, P. **Becoming bilingual: facilitating english literacy development – using ASL in preschool**. Washington, DC. Gallaudet University Press: 1999.

LEWIS, W. (Editor). **Bilingual teaching of deaf children in Denmark – description of a project 1982-1992**. Denmark. Doveskolernes Materialcenter: 1995.

LODI, A.C.B.; HARRISON, K.M.P.; CAMPOS, S.R.L.; TESKE, O. (ORG.). **Letramento e minorias**. Porto Alegre. Editora Mediação: 2002.

LODI, A.C.B.; HARRISON, K.M.P.; CAMPOS, S.R.L. (ORG.). **Leitura e escrita no contexto da diversidade**. Porto Alegre. Editora Mediação: 2004.

LODI, A.C.B.; LACERDA, C.B.F. (ORG.). **Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais**. Porto Alegre. Editora Mediação: 2010.

MARTIN, D.S.; MOORES, F.M. (Editors). **Deaf learners – developments in curriculum and instruction**. Washington, DC. Gallaudet University Press: 2006.

MOURA, M.C. **O surdo – caminhos para uma nova identidade**. Rio de Janeiro. Revinter Editora: 2000.

MOURA, M.C.; VERGAMINI, S.A.A.; CAMPOS, S.R.L. (ORG.). **Educação para surdos: práticas e perspectivas**. São Paulo. Editora Santos: 2008.

PEREIRA, M.C.C.; NAKASATO, R. **Narrativas infantis em língua brasileira de sinais**. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 39, nº 3, 2004, 273-284.

QUADROS, R.M.; KARNOPP, L.B. **Língua de sinais brasileira – estudos linguísticos**. Porto Alegre. Artmed Editora: 2004.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo. Parábola Editorial: 2009.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para educação infantil e ensino fundamental: Libras / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT: 2008.**

VERGAMINI, S.A.A. **Mãos fazendo história**. Rio de Janeiro. Editora Arara Azul: 2003.

YGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. Lisboa. Antídoto: 1979.

WILCOX, S.; WILCOX, P.P. **Aprender a ver**. Rio de Janeiro. Editora Arara Azul: 2005.

APRESENTAÇÕES E ROTINA

UNIDADE

1

ORGANIZANDO A ROTINA

Lembre-se que grande parte das crianças surdas chega à escola sem uma língua constituída.

Cabe ao professor planejar e organizar situações didáticas criando oportunidades para o aluno usar e refletir sobre a Libras nas diferentes práticas de linguagem presentes em seu dia a dia: roda de conversa, relato, recado, regras de jogos, brincadeiras entre outras, são atividades que propomos neste trabalho. Os objetivos principais deste livro do 1º ano são integrar os alunos no grupo classe e na comunidade escolar e, por meio do discurso, ampliar o domínio e a fluência na Língua de sinais. A proposta é apresentar ideias e sugestões de atividades que favoreçam a formação de vínculos entre os alunos e o professor. O início do ano é o período propício para conhecer os colegas, o professor, a equipe de funcionários que trabalham na escola e o espaço físico da unidade escolar.

Esse período é repleto de novidades: amigos novos, descoberta dos espaços físicos da escola, contato com surdos mais velhos, construção do vínculo com o professor, regras da sala de aula, entre outras.

As séries iniciais constituem uma forte referência para o aluno. Cabe ao professor capturar o desejo do aluno em participar das atividades, levando-os a acreditar que são capazes de realizá-las.

Cabe lembrar que o papel do educador é fundamental para o desenvolvimento linguístico, cognitivo e social do aluno. O professor é o mediador entre o sujeito e a construção do seu conhecimento.

É na escola, por meio das relações discursivas, que a criança aprende a circular socialmente na cultura, se apropria da língua e do saber. É na relação com o outro que o aluno se dá conta que as suas ações passam a ter significado tanto para ele como para o outro.

A duração das aulas não está especificada, pois pode variar dependendo dos objetivos propostos para cada grupo.

Sugestão

Dê as orientações necessárias para que os alunos se organizem sozinhos: diga em que página eles devem abrir o livro e espere eles encontrarem.

RODA DE CONVERSA

Na roda de conversa, o professor inicia o turno comunicativo por meio de perguntas. Introduz as interrogativas: o que, quem, onde, quando e por quê.

As temáticas da roda de conversa podem ser desencadeadas por diferentes situações e vivências trazidas pelos alunos: atualidades que os afetam diretamente, os aniversários, datas comemorativas, experiências vividas.

Objetivos

- Assegurar o olhar e a atenção do aluno.
- Estabelecer o diálogo com o grupo.
- Ampliar o repertório na Libras.
- Perceber os diferentes turnos na comunicação (momentos de entrada no discurso).
- Descrever pessoas, objetos e espaços físicos.

O foco do professor será a relação discursiva na sala de aula, (a troca de informações e experiências entre os alunos) o uso e a fluência na língua de sinais. A criança aprende a língua na interação com o outro.

Na relação discursiva, é necessário evidenciar:

- Pronomes pessoais (eu, ele, ela, nós) e possessivos (meu, seu, nosso).
- Advérbios de tempo (hoje, ontem, amanhã).
- Pronomes interrogativos (Quem? Quando? Onde? Por quê?).
- Dias da semana.
- Espaços da escola (parque, quadra de educação física, sala de leitura, sala de informática, sala de aula, refeitório).

Encaminhamento

A roda de conversa é uma atividade permanente, diária ou semanal ao longo do ano, dependendo dos objetivos propostos para o grupo. Ela pode ser realizada no início da semana, durante uma aula, para que todos tenham acesso às informações dos colegas. Também pode ser realizada no decorrer da semana: reserve alguns minutos para aqueles alunos que quiserem contar alguma novidade.

Chame a atenção do aluno para a importância do olhar. Se o aluno não olha para o interlocutor, ele perde as informações do colega.

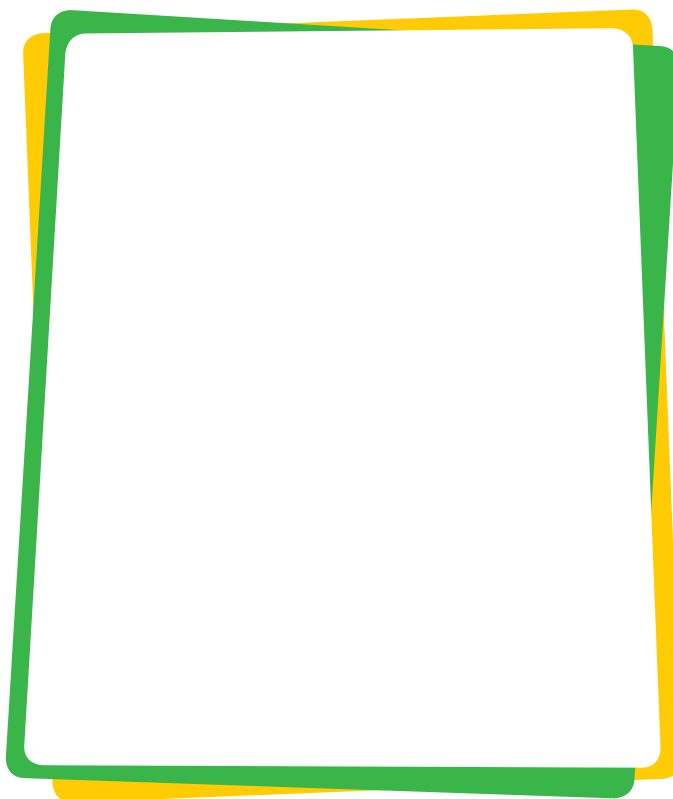
Questione seus alunos – Onde? Quem? Por quê? Como? A que horas? –, para que o discurso fique claro para todos.

Sugestões de atividades

- Faça, com o grupo, um crachá que o represente: (tire foto dos alunos e peça que decorem o seu crachá, por meio de colagem, pintura, etc).
- Faça, na sala de aula, um mural com as fotos e os sinais que representam os alunos (utilize esse material, construído pelos alunos, para ler diariamente com o grupo os nomes dos amigos presentes e ausentes).
- Crie com o grupo um cartaz com o mês dos aniversariantes. Coloque-o no mural da sala, para que os alunos acompanhem a sequência dos aniversários.
- Coloque na porta da sala de aula uma foto do grupo para identificar a classe aos alunos.
- Apresente o alfabeto digital, soletrando o nome dos alunos.
- O alfabeto digital exposto na sala de aula auxilia o aluno a perceber a correspondência entre uma das representações da Libras (alfabeto digital) e a escrita.
- Desenvolva atividade de conversação em Libras, apresentando aos alunos o uso do tempo nas atividades propostas pela escola: a rotina do dia.
- Coloque no mural da sala de aula a organização da rotina do aluno.

ATIVIDADE 1 APRESENTAÇÃO DO NOVO GRUPO

COLE AQUI A FOTO DO SEU GRUPO.



10

• CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP •

ATIVIDADE 2

Apresentação dos alunos e professor

Encaminhamento

Inicie as atividades com a apresentação dos alunos. Use fotos para identificá-los, apresente os sinais que os representam, digite o nome deles.

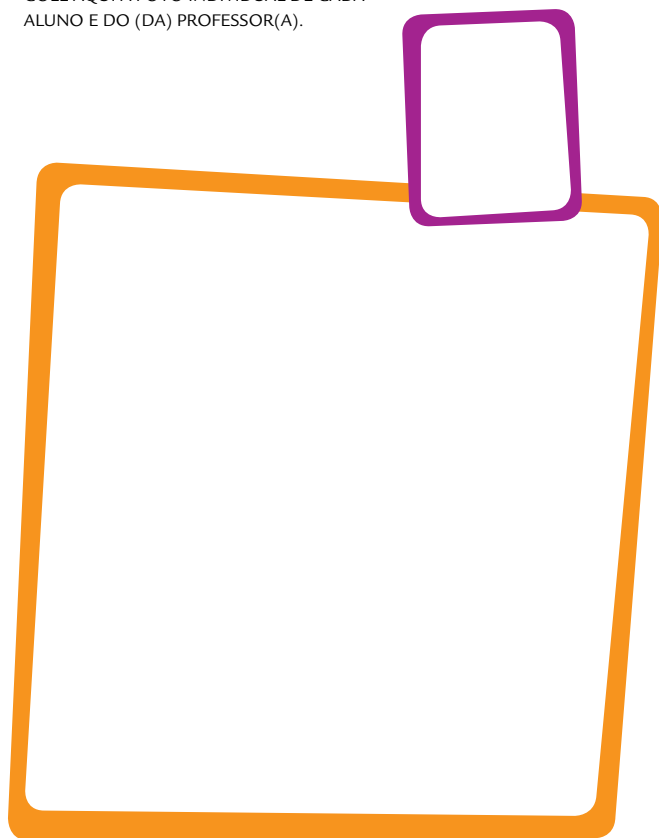
Depois de colar as fotos dos alunos, pergunte à turma quantos alunos existem no grupo, quantos são meninos e quantas são meninas.

Dica

- Se os alunos não tiverem sinais que os representem, peça para os colegas surdos mais velhos do 4º, 5º, 6º anos ajudarem. Talvez você precise de mais um tempo para definir qual o sinal que caracterizará o seu aluno. Então, trabalhe na foto a identificação visual de cada um.

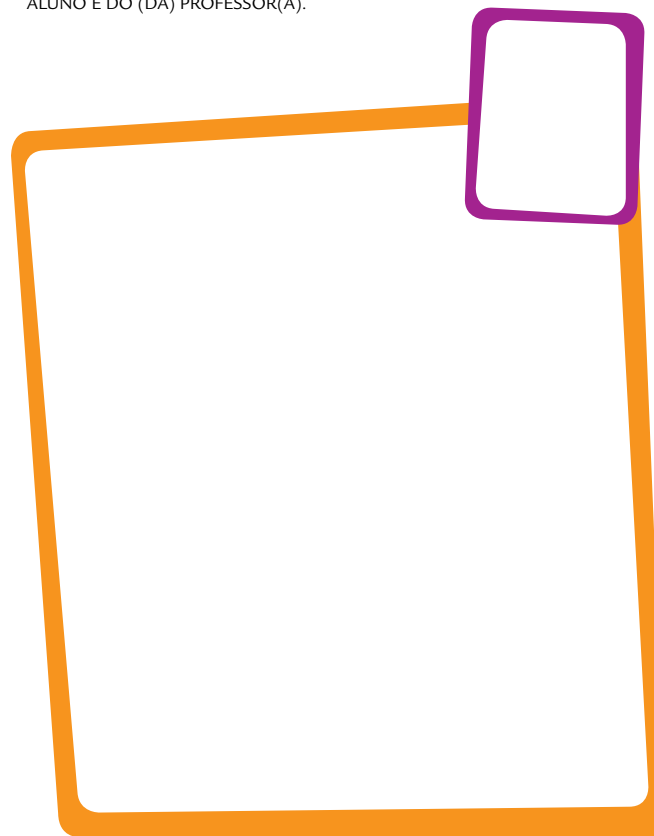
ATIVIDADE 2 APRESENTAÇÕES E ROTINA

COLE AQUI A FOTO INDIVIDUAL DE CADA ALUNO E DO (DA) PROFESSOR(A).



ATIVIDADE 3 SINAL PESSOAL

COLE AQUI AS FOTOS DO SINAL DE CADA
ALUNO E DO (DA) PROFESSOR(A).



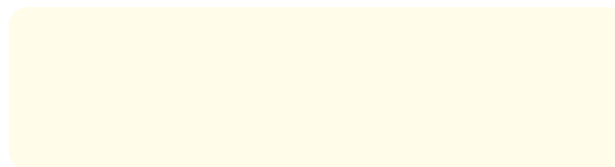
ATIVIDADE 4 ALFABETO MANUAL

CIRCULE NO ALFABETO DIGITAL A PRIMEIRA LETRA DO SEU NOME.



ATIVIDADE 5 DIGITAÇÃO DO NOME PRÓPRIO

RECORTE AS LETRAS DO ALFABETO DIGITAL NO ANEXO 2 E COLE, FORMANDO O SEU NOME.



ATIVIDADE 6 DATA DE ANIVERSÁRIO

COLE AS FOTOS DOS ANIVERSARIANTES NOS MESES CORRESPONDENTES.

JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO
		

ABRIL	MAIO	JUNHO
		

JULHO



AGOSTO



SETEMBRO



OUTUBRO



NOVEMBRO



DEZEMBRO



ATIVIDADE 8

Sinal da escola

Dica

- Se a escola ainda não tiver um sinal, reúna os surdos que a frequentam para escolherem o sinal para ela.

ATIVIDADE 7 A ESCOLA

DESENHE A SUA ESCOLA.



ATIVIDADE 8 SINAL DA ESCOLA

REGISTRE AQUI O SINAL DA SUA ESCOLA.



ATIVIDADE 9

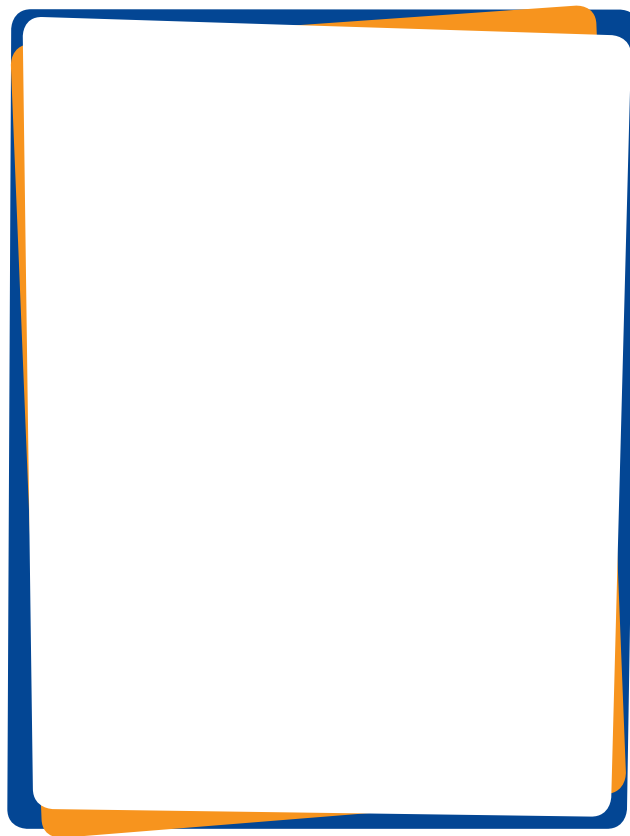
Espaços da escola

Encaminhamento

Leve os alunos para conhecer os espaços da escola: sala de leitura, informática, refeitório, quadra de futebol, parque, etc. Peça para os alunos registrarem os espaços da escola.

ATIVIDADE 9 ESPAÇOS DA ESCOLA

DESENHE OS ESPAÇOS DA ESCOLA.



ATIVIDADE 10

Sinal dos espaços da escola

Encaminhamento

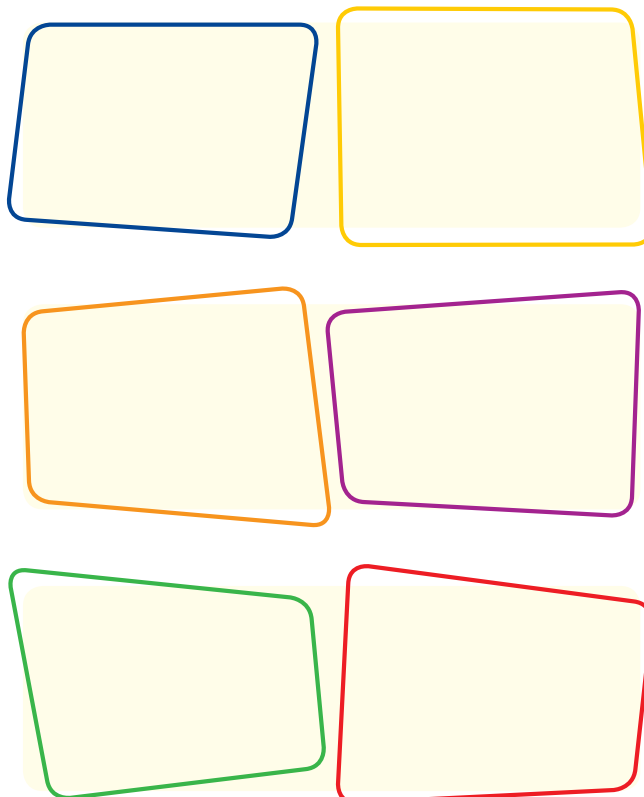
Fotografe os espaços da escola: sala de aula, sala de informática, banheiro, refeitório, quadra, parque, sala de leitura, secretaria, etc.

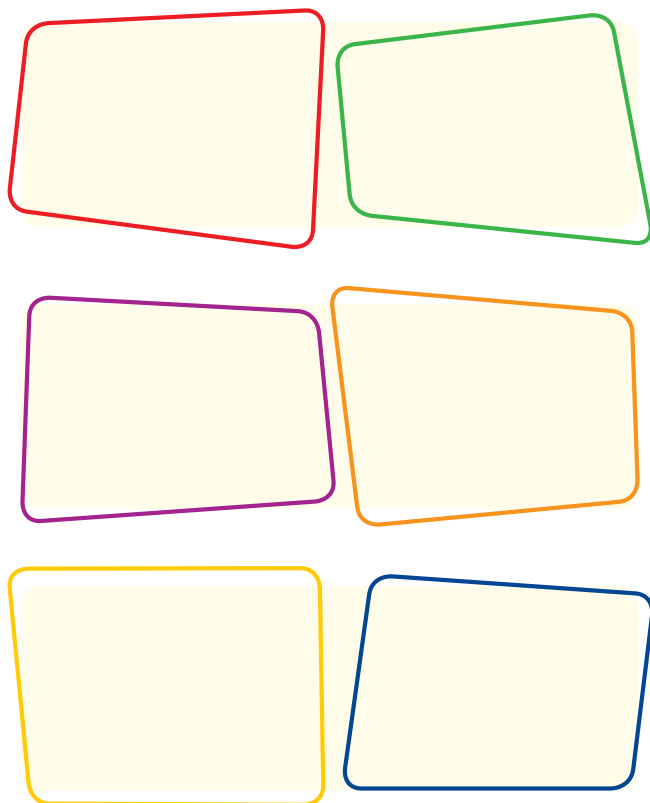
Em seguida, apresente os sinais atribuídos a esses espaços e fotografe os alunos realizando os sinais.

Solicite aos alunos que cole as fotos dos espaços, relacionando cada um às fotos dos sinais.

ATIVIDADE 10 SINAL DOS ESPAÇOS DA ESCOLA

COLE AS FOTOS DOS ESPAÇOS DA ESCOLA, RELACIONANDO CADA UMA COM AS FOTOS DOS SINAIS DESSES ESPAÇOS.





ATIVIDADE 11 ROTINA DO GRUPO

DESENHE A ROTINA DE SEU GRUPO NOS DIAS DA SEMANA.



2ª FEIRA



3ª FEIRA



4ª FEIRA



5ª FEIRA



6ª FEIRA



SÁBADO



DOMINGO

ATIVIDADE 12

Atividades preferidas

Objetivos

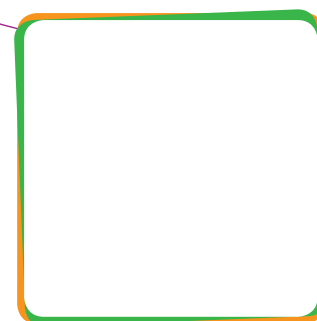
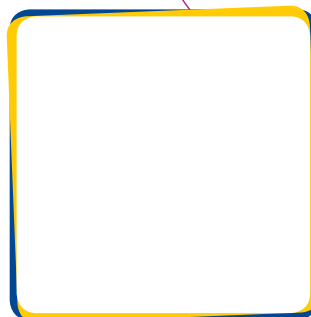
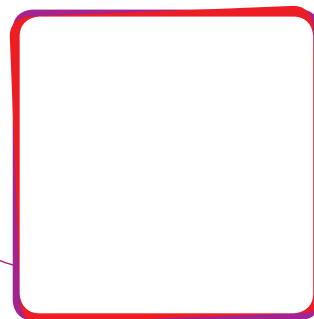
- Ler e explicar diagrama.
- Desenvolver argumentação.
- Conhecer representação numérica em Libras.

Encaminhamento

Solicite aos alunos que desenhem as três atividades que mais gostam na escola e peça que cada um socialize com os colegas.

ATIVIDADE 12 ATIVIDADES PREFERIDAS

DESENHE 3 ATIVIDADES QUE VOCÊ GOSTA.



ATIVIDADE 13 ORGANIZAÇÃO DA MOCHILA

DESENHE O QUE VOCÊ PRECISA COLOCAR NA MOCHILA DA ESCOLA.



ATIVIDADE 14 MATERIAL ESCOLAR

CIRCULE, ABAIXO, O QUE É MATERIAL ESCOLAR.



ATIVIDADE 15

Sinais dos materiais escolares

Objetivos

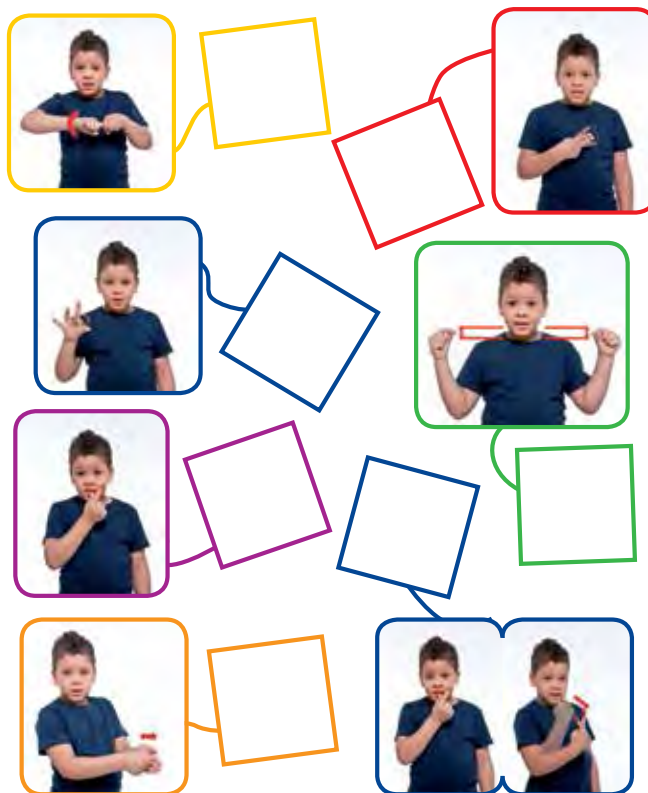
- Relatar situações vivenciadas.
- Ampliar o repertório de Libras.
- Assegurar a atenção do outro.
- Descrever espaços físicos, pessoas e objetos.

Dica

- Explore os pronomes MEU, SEU e DELE com o grupo utilizando os materiais escolares. Misture o material dos alunos e peça que deem o sinal do aluno a quem cada um pertence.

ATIVIDADE 15 SINAIS DOS MATERIAIS ESCOLARES

RECORTE AS FIGURAS DO ANEXO 3 E COLE O MATERIAL ESCOLAR QUE CORRESPONDE AO SINAL.



ATIVIDADE 16

Com quem você vem para a escola?

Encaminhamento

Antes da aula, pergunte aos responsáveis do aluno quem o acompanha quando vai para a escola e volta para a casa, e como esse trajeto é realizado.

Peça para os alunos relatarem com quem vão para a escola e com qual meio de transporte. Confira se a resposta corresponde à informação dada pelos pais. Se necessário, retome com o aluno.

Explore também as referências do percurso e de localização, faça perguntas garantindo que todos estejam compreendendo as informações relatadas.

Observe com os alunos as figuras representadas no livro, certifique-se de que conhecem os sinais correspondentes.

Na relação discursiva, é necessário evidenciar:

- **Distância** (perto, longe).
- **Tempo** (rápido, demorado).
- **Meios de transporte.**

Dica

- Pergunte a quem os desenhos circulados representam (exemplo: a mulher mais velha pode ser a mãe, a avó ou a tia; a mais nova pode ser a mãe, a tia ou a irmã...).

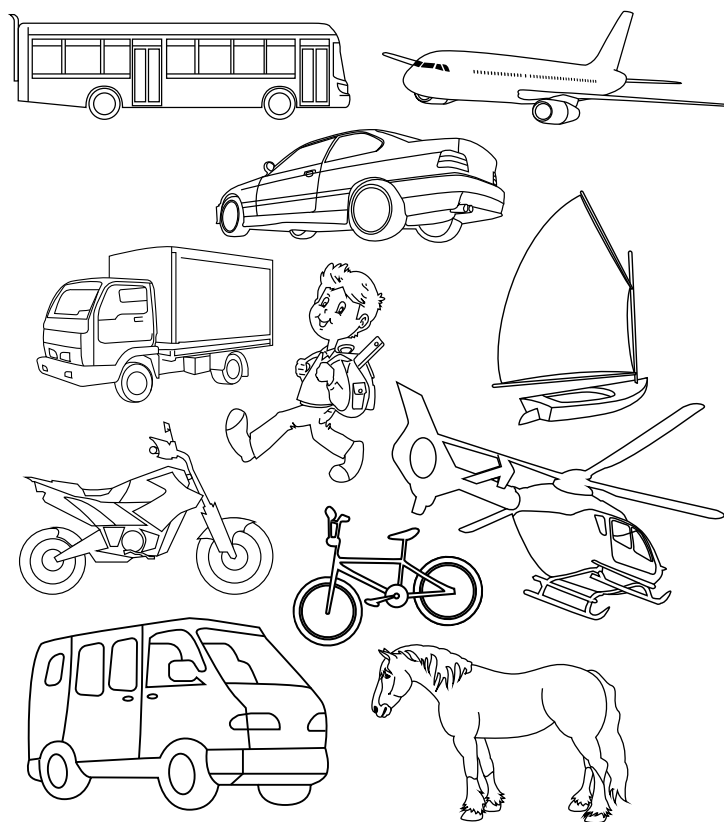
ATIVIDADE 16 COM QUEM VOCÊ VEM PARA A ESCOLA?

PINTE A OPÇÃO QUE MOSTRA COM QUEM VOCÊ VEM PARA A ESCOLA.



ATIVIDADE 17 COMO VOCÊ VEM PARA A ESCOLA?

PINTE A OPÇÃO QUE MOSTRA COMO VOCÊ VEM PARA A ESCOLA.



LIBRAS • 1º ANO

29

ATIVIDADE 18

Relato do fim de semana Proposta A

Encaminhamento

Peça para a família escrever num diário o que fez no fim de semana.

Peça para os alunos registrarem no diário (desenho, escrita, colagem) o que fizeram no final de semana e feriados.

Estimule o aluno que está relatando, fazendo perguntas para que o discurso fique claro para todos. Por exemplo: Quem estava com você? Foi de manhã, antes do almoço? Você gostou do passeio? Por quê?

Dica

- Se o aluno estiver iniciando seu contato com a Libras, peça para ele trazer alguma coisa do final de semana para apresentar ao grupo (por exemplo: um palito de sorvete, uma folha do parque, o bilhete do cinema...). Deve ser algum dado que possibilite ao aluno entrar no discurso com o grupo.

ATIVIDADE 18 RELATO DO FIM DE SEMANA - PROPOSTA A

REGISTRE O SEU RELATO: O QUE VOCÊ FEZ NO FIM DE SEMANA.

ATIVIDADE 19

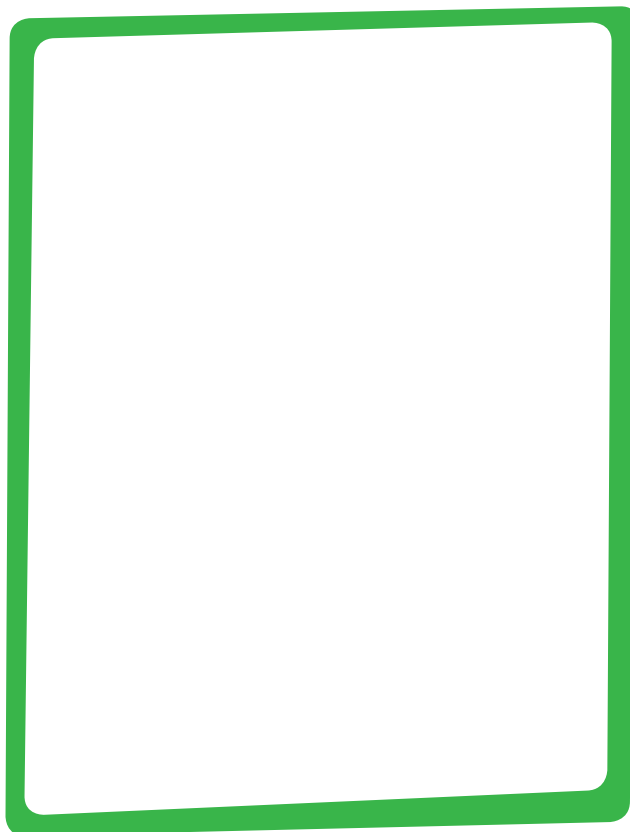
Relato do fim de semana Proposta B

Encaminhamento

Os alunos desenharam o que fizeram no fim de semana e relataram para os colegas mostrando o desenho.

ATIVIDADE 19 RELATO DO FIM DE SEMANA - PROPOSTA B

REGISTRE O SEU FIM DE SEMANA.



ATIVIDADE 20

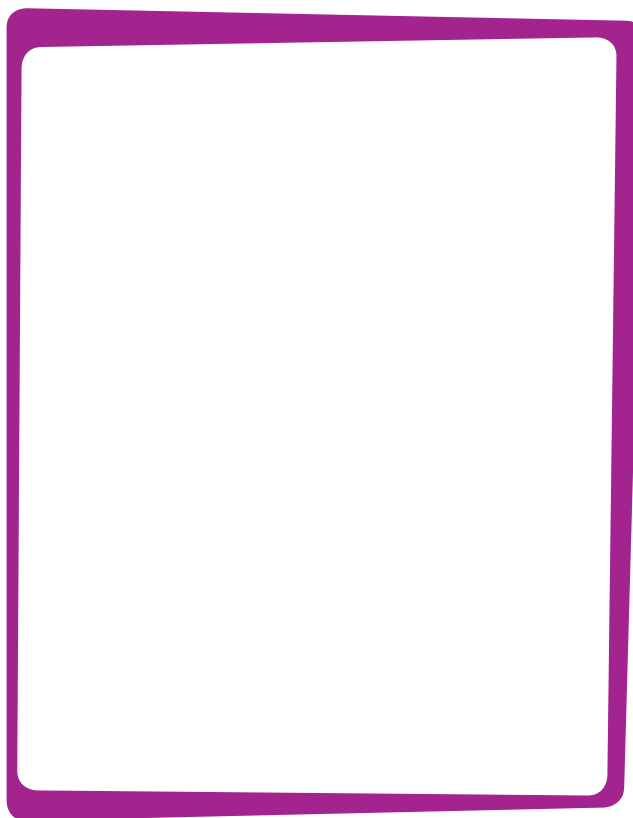
Relato do fim de semana Proposta C

Encaminhamento

Os alunos desenharam o que fizeram no final de semana e trocaram os desenhos. Um relata o registro do outro.

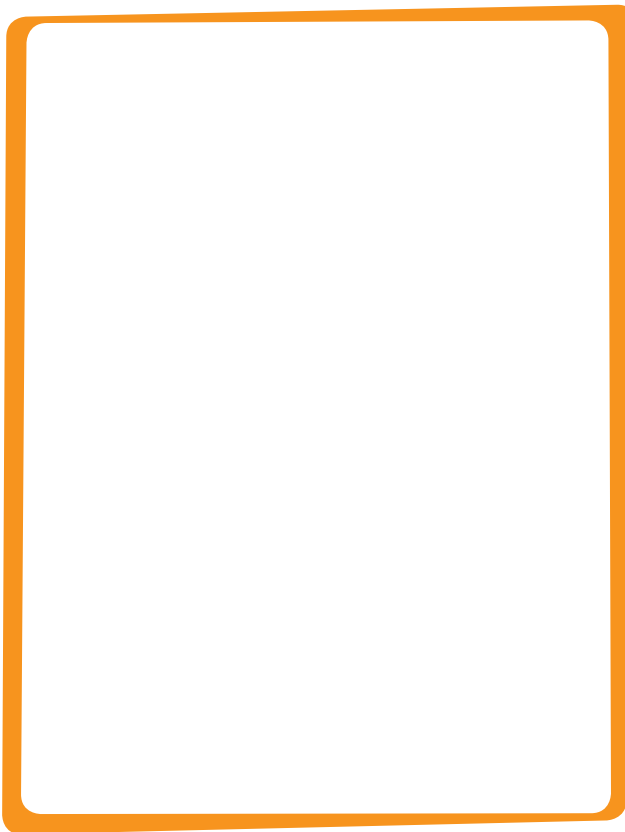
ATIVIDADE 20 RELATO DO FIM DE SEMANA - PROPOSTA C

REGISTRE O FIM DE SEMANA DO SEU COLEGA.



ATIVIDADE 21 RELATO DO FIM DE SEMANA - PROPOSTA D

REGISTRE O SEU RELATO.



ATIVIDADE 22

Desenho da família

Encaminhamento

Solicite aos alunos que desenhem a família e que a apresentem aos colegas a partir do desenho.

Dicas

- Os alunos podem querer desenhar os animais que têm em casa. É uma oportunidade de diferenciar os animais dos seres humanos, além de trabalhar com os sinais dos animais.
- Por que não fazer um cartaz com os animais que eles têm em casa? Os alunos podem procurar figuras em revistas ou desenhá-los.

ATIVIDADE 23

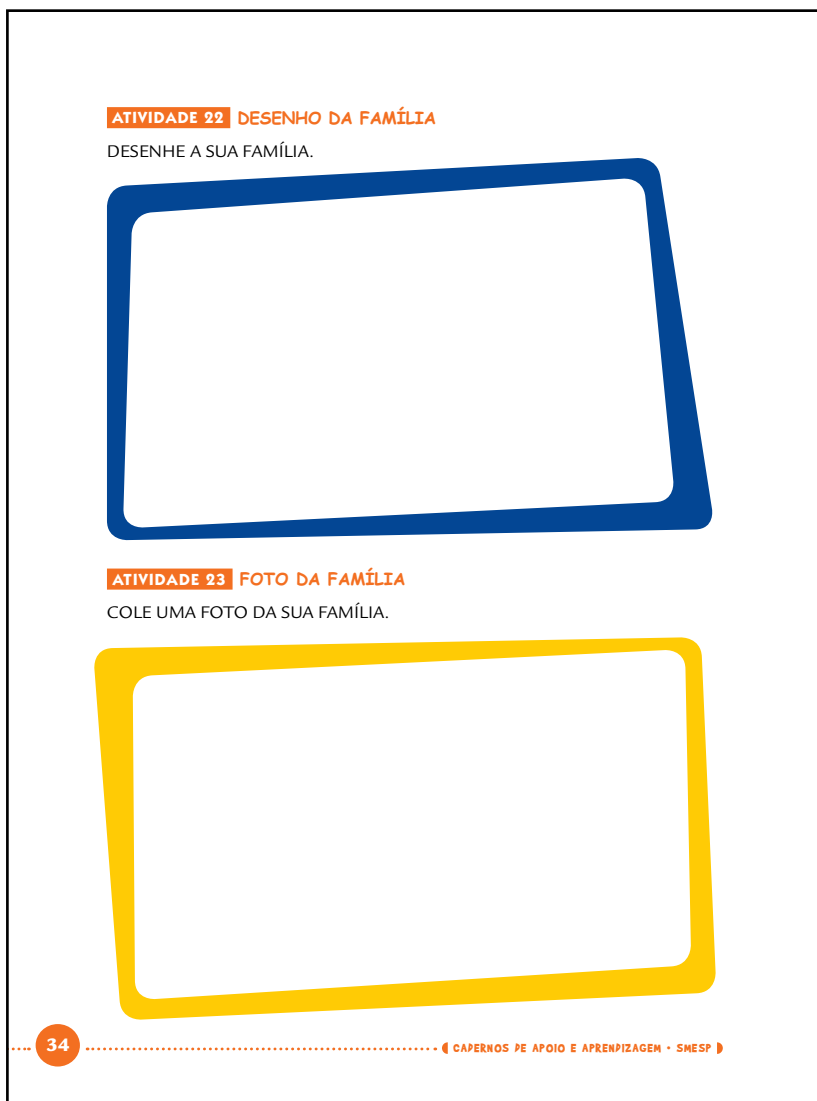
Foto da Família

Objetivos

- Procurar e encontrar informações em fotos.
- Atentar a perguntas e adequar respostas a elas.

Encaminhamento

Solicite aos responsáveis pelo aluno fotos da família dele com anotações, deixando claro quem está representado naquelas fotos. É importante que apareçam os pais e os irmãos. Você pode propor que tragam fotos das pessoas que moram na mesma



casa que o aluno. Dessa maneira, poderá ajudá-lo a entender as relações familiares.

Com os alunos, observe as fotos de cada um e converse sobre elas e as informações recebidas da família.

Solicite que cada aluno localize na própria foto a mãe, o pai e os irmãos.

Pergunte aos alunos quantas pessoas aparecem nas fotos. Se tiverem irmãos, pergunte quantos são, se são meninos ou meninas.

ATIVIDADE 24 SINAIS DAS RELAÇÕES FAMILIARES

SINAIS DA FAMÍLIA.



LIBRAS • 1º ANO

35

ATIVIDADE 25

Sinais pessoais familiares

Encaminhamento

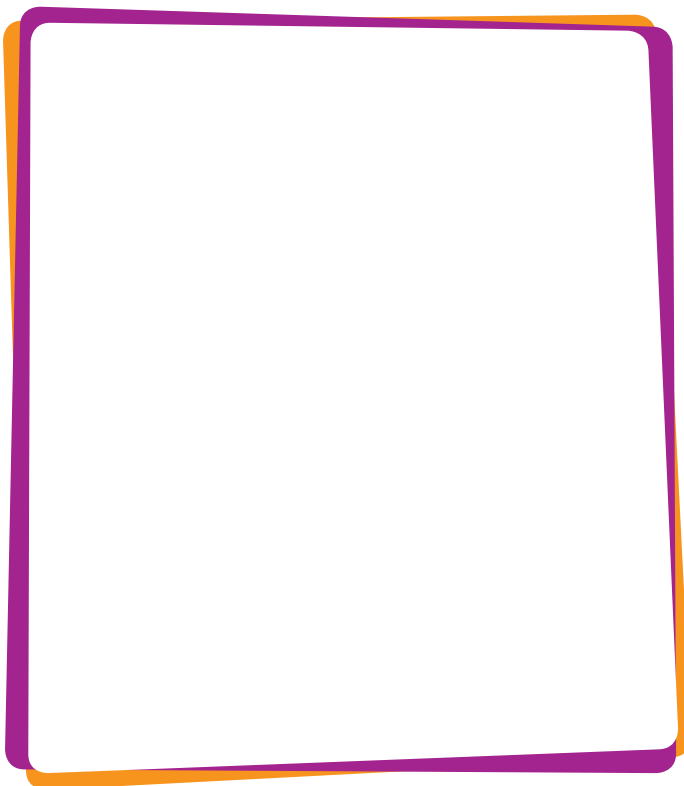
Peça aos responsáveis dos alunos fotos dos membros da família.

Com cada aluno, apresente os familiares dele aos colegas e peça à turma que observe características das pessoas que possam ajudar na escolha do sinal.

O professor fotografa o sinal atribuído a cada membro da família.

ATIVIDADE 25 SINAIS PESSOAIS FAMILIARES

COLE A FOTO DO SINAL ATRIBUÍDO A CADA PESSOA DA SUA FAMÍLIA.



36

• CAPERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP •

ATIVIDADE 26

Diagrama - A família

Objetivos

- Registrar informações em diagrama.
- Relação símbolo/significado.

Encaminhamento

Passe o Vídeo para a turma; Retome com cada aluno o sinal e / ou nome de seu pai e de sua mãe. Peça que registrem isso no diagrama. Eles podem desenhar o pai e mãe ou escrever o nome deles. Explique que o quadrado simboliza o homem e o círculo, a mulher.

Retome com cada aluno se ele é menino ou menina e como deve se representar (por um quadrado ou por um círculo) no diagrama.

Peça aos alunos que completem a sua árvore genealógica no livro, representando-se com um traço saindo da ligação do pai com a mãe, desenhando um quadrado ou um círculo e escrevendo o próprio nome ou desenhando a si mesmo.

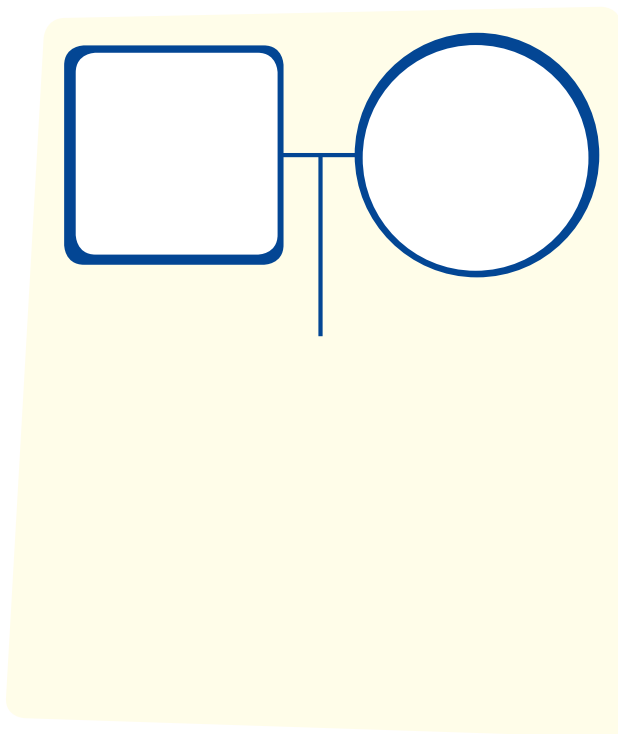
Convide os alunos a apresentarem sua árvore genealógica aos colegas.

ATIVIDADE 26 DIAGRAMA - A FAMÍLIA

MINHA FAMÍLIA - DESENHE E ESCREVA O NOME DO SEU PAI NO QUADRADO, O DA SUA MÃE NO CÍRCULO E APONTE VOCÊ TAMBÉM.



VÍDEO Nº 1



LIBRAS • 1º ANO

37

BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS

UNIDADE

2

ATIVIDADE 1

Brincadeira Vivo ou Morto

Regras do jogo

O professor, de frente para os alunos, dá dois comandos:

- “Vivo”, e todos os alunos têm de ficar em pé.
- “Morto”, quando todos devem agachar.

Cada aluno que errar o comando sai do jogo.

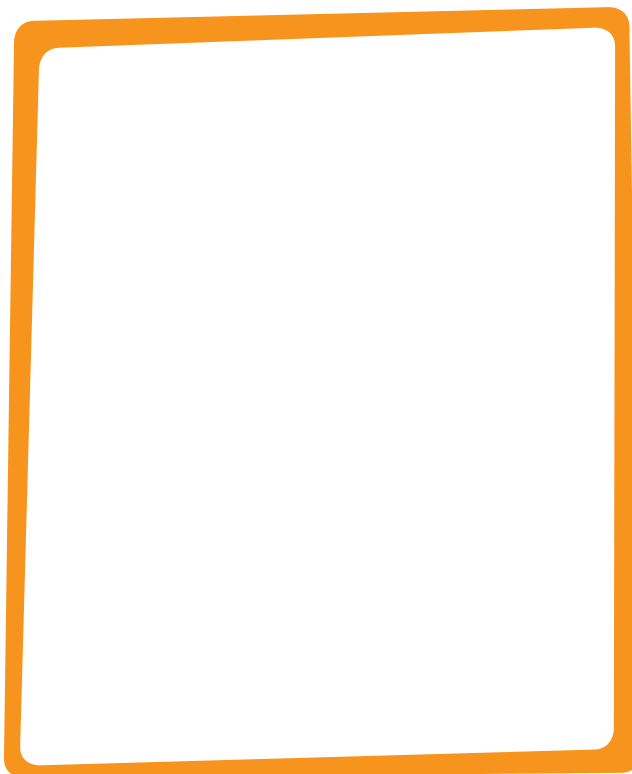
O participante que ficar até o final da brincadeira será o vencedor.

ATIVIDADE 1 BRINCADEIRA VIVO OU MORTO

REGISTRE A BRINCADEIRA VIVO OU MORTO.



VÍDEO Nº 2



40

• CAPERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP •

ATIVIDADE 2

Registro da brincadeira Vivo ou Morto

Objetivos

- Ampliar o uso da língua em um contexto lúdico e em situações sociais.
- Assegurar a atenção do aluno na comanda em Libras.
- Compreender e dar explicações das regras de jogos e brincadeiras.

Encaminhamento

Converse com os alunos sobre a brincadeira ou o jogo que será apresentado.

Apresente o Vídeo com a explicação da brincadeira.

Chame atenção dos alunos para a apresentação das regras. Certifique-se que todos compreenderam a comanda.

Explique que em todos os jogos há ganhadores e perdedores, o importante é brincar com os colegas.

Após a brincadeira, peça ao grupo que opine e avalie esta brincadeira.

Solicite aos alunos que registrem a brincadeira em forma de desenho.

Dica

Você pode acrescentar mais comandos à brincadeira como:

- “Gelatina”: os alunos devem tremer como uma gelatina.
- “Sorvete”: os alunos se encolhem de frio.
- “Pipoca”: os alunos pulam.
- “Dormir”: os alunos fazem o sinal de dormir.
- Informe a família sobre a atividade realizada. Solicite parceria no trabalho.

ATIVIDADE 2 REGISTRO DA BRINCADEIRA VIVO OU MORTO

RECORTE OS SINAIS DO ANEXO 4 E COLE AO LADO DAS FIGURAS CORRESPONDENTES.



LIBRAS • 1º ANO

41

ATIVIDADE 3

Brincadeira 1, 2, Feijão com Arroz

Encaminhamento

Mostre o vídeo “Um, dois ,feijão com arroz” aos alunos para que eles possam brincar e memorizar.

“Um, dois, feijão com arroz. Três, quatro, feijão no prato. Cinco, seis, feijão inglês. Sete, oito, comer biscoito. Nove, dez, comer pastéis.”

Dica

- As brincadeiras fluem melhor em espaços mais amplos, que permitem uma movimentação mais espontânea dos alunos.

ATIVIDADE 4

Brincadeira - Amigo Secreto

Objetivos

- Falar sobre algo sem nomeá-lo.
- Descrever objetos, pessoas e espaço físico, exercitando novas formas de expressão de sua língua e subjetividade.

Encaminhamento

Explique a brincadeira e peça aos alunos que escrevam o nome em um papel.

Pontue que faz parte da brincadeira guardar segredo e não contar quem foi tirado.

Cada aluno deve falar do colega sorteado sem dar o seu sinal, dando pistas da roupa que ele está usando, algum detalhe como óculos e outras dicas, até a turma descobrir quem ele tirou.

Deve ser a primeira experiência do tipo para os alunos, então,

ATIVIDADE 3 BRINCADEIRA 1,2, FEIJÃO COM ARROZ

 **VÍDEO Nº 3**

ATIVIDADE 4 BRINCADEIRA - AMIGO SECRETO

AGORA QUE TODOS JÁ CONTARAM O SEGREDO, DESENHE O SINAL DO SEU AMIGO SECRETO (QUEM VOCÊ TIROU).



DESENHE O SINAL DO SEU AMIGO SECRETO (QUEM TIROU VOCÊ).



42

CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

possivelmente várias orientações não serão cumpridas nessa ocasião. É importante repetir as regras durante a brincadeira.

Dica

- Os alunos podem presentear o colega sorteado com um desenho ou um cartão feito na escola.

TEXTO INSTRUCIONAL

Objetivos

- Conhecer o gênero texto instrucional.
- Compreender e explicar instruções para confeccionar brinquedos.

ATIVIDADE 5

Brinquedo - Bilboquê

Instruções para fazer BILBOQUÊ

Para fazer o bilboquê, você precisará de:

- 1 garrafa pet de 2 litros.
- tesoura ou estilete.
- jornal.
- papel alumínio.
- barbante.
- cola colorida.
- pincéis.

Recorte a garrafa pet. A parte a ser usada será a do gargalo. Decore com tintas ou cola colorida. Faça uma bolinha com jornal, envolva a bolinha com fita crepe. Amarre a bolinha com o barbante e envolva em papel alumínio. Amarre a outra ponta do barbante no gargalo da garrafa.

Encaminhamento

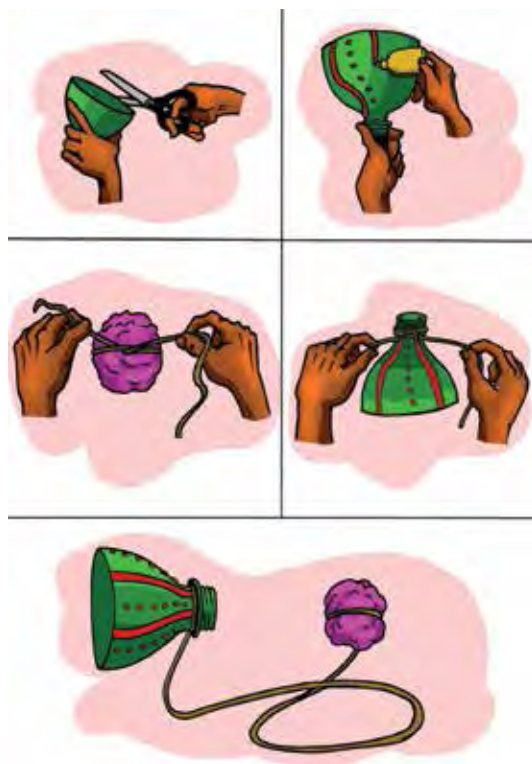
Antes da atividade: Levante os materiais necessários para a confecção dos brinquedos.

No momento da atividade

Veja o texto em Libras com os alunos. Solicite que os alunos observem o texto como um todo e, detalhadamente, as imagens passo a passo.

ATIVIDADE 5 BRINQUEDO - BILBOQUÊ

FAZENDO O PRÓPRIO BRINQUEDO: BILBOQUÊ.



LIBRAS • 1º ANO

43

Faça questões sobre o texto: O que iremos fazer? O que precisamos para fazer este brinquedo? O que iremos fazer primeiro? E depois?

Estimule os alunos a confeccionarem o brinquedo, seguindo a ordem e as instruções do texto.

Dicas

- Se houver alunos com baixa visão no grupo, faça ampliações das ilustrações de modo que eles possam

acompanhar a confecção do brinquedo.

- Tire fotos e registre os alunos confeccionando o material. Faça um mural com a atividade realizada e a utilize para os alunos relatarem as etapas da confecção do brinquedo. Filme os alunos contando como fizeram o bilboquê, mostre a eles a filmagem, para fazer a revisão, e regrave o vídeo caso seja necessário.

ATIVIDADE 6 ETAPAS DA CONFEÇÃO DO BILBOQUÊ

RECORTE AS IMAGENS DO ANEXO 5 E COLE NA ORDEM CORRETA.



ATIVIDADE 7

Televisão sem fio

Objetivos

- Exercitar a memória.
- Desenvolver a atenção.
- Explorar a criatividade.

Encaminhamento

Explique a regra do jogo e solicite aos alunos que formem uma fila.

Regra

O último aluno da fila chama aquele que está à sua frente, esse vira para trás e o último sinaliza para ele, muito depressa, uma frase sem que os outros a vejam. Aquele que acabou de ver a frase toca o colega que está à sua frente, que vira para trás para ver a mensagem do penúltimo jogador. Este deve repetir a frase sinalizada pelo primeiro colega, ou o que entendeu dela – e assim sucessivamente. Quando a frase chegar ao primeiro aluno da fila, ele a sinaliza para todo mundo. A surpresa dá-se quando o último que iniciou a brincadeira sinaliza a frase verdadeira, geralmente muito diferente.

OBS: Para ouvintes, essa brincadeira é chamada de “Telefone sem fio” e os jogadores ficam sentados em círculo. Adaptada para surdos, os jogadores são dispostos em fila, para que aqueles que ainda não participaram não possam ver a frase sinalizada antes de sua vez.

ATIVIDADE 7 BRINCADEIRA - TELEVISÃO SEM FIO



CONTOS E POESIAS

UNIDADE

3

CONTO TRADICIONAL

As narrativas de contos tradicionais podem aparecer em momentos de atividades lúdicas, são excelentes recursos para construção de jogos simbólicos e são fontes muito ricas de oportunidade de desenvolvimento de linguagem.

Objetivos

- Conhecer contos infantis.
- Desenvolver a habilidade de narrar através do reconto.
- Observar e respeitar os turnos de fala.
- Desenvolver vocabulário.

ATIVIDADE 1

Conto Tradicional - Os três porquinhos

Encaminhamento

Apresente a história dos três porquinhos do Vídeo do INES – Coleção Educação de Surdos nº 4. Escolha um livro com ilustrações atrativas e que esteja de acordo com a versão do Vídeo para que as imagens sejam a base para o desenvolvimento do trabalho.

Explore o lugar onde acontece a história – neste caso, uma floresta. Verifique se a turma sabe o que é uma floresta, se perto da casa deles tem algo parecido e peça que contem como é o lugar onde moram.

Dica

- Se a turma se fixar na descrição da casa, sem explorar o entorno, aproveite para analisar os tipos de moradia.

ATIVIDADE 1 CONTO TRADICIONAL - OS TRÊS PORQUINHOS

ASSISTA AO VÍDEO “TRÊS PORQUINHOS” NO DVD EDUCAÇÃO DE SURDOS – Nº 4 – CONTANDO HISTÓRIAS EM LIBRAS: CLÁSSICOS DA LITERATURA MUNDIAL - INES/MEC.

GOSTOU DA HISTÓRIA?



1) FORME UM CONJUNTO COM OS ANIMAIS QUE PARTICIPAM DA HISTÓRIA.



Contextualize apresentando imagens de floresta em fotos reais e contrapondo com as ilustrações do livro que escolheu. Também é interessante contrastar com imagens de ambientes urbanos.

Apresente os personagens explorando o fato de serem animais. Verifique se conhecem os sinais de porco e de lobo. Mostre imagens reais desses animais.

Reproduza imagens dos personagens e faça um exercício de análise das características de temperamento de cada um. Reapresente

o Vídeo do INES com a história dos três porquinhos.

Converse com a turma sobre as partes mais marcantes.

Retome a história usando o livro, permitindo que os alunos façam antecipações sobre o que vem a seguir. É importante fazer este exercício, pois muitas vezes os alunos não conseguem compreender totalmente a história.

Proponha aos alunos o reconto completo da história. Chame a atenção da turma para o fato de que esta história tem carac-

terística de repetição. Pergunte se eles lembram o que é que se repete várias vezes no enredo da história.

Dica

- Utilize imagens ou ilustrações para facilitar o reconto.

Confeccione máscaras dos personagens com a turma e leve-a para ambiente externo, para que possa brincar livremente. Esteja atento para que a máscara não interfira nas expressões dos alunos, prejudicando a comunicação. Explore contornos, texturas, diferentes tipos de orelhas e narizes, evitando esconder o rosto das crianças, principalmente os olhos e a boca. Exemplo: **desenho de máscara vazada**

Proponha para a turma substituir os animais da história por outros.

Amplie o conhecimento de seus alunos oferecendo a versão em livro de “Os três porquinhos surdos”, contrapondo as diferenças entre surdos e ouvintes.

Dica

- Aproveite os momentos de contação de histórias para envolver a família.

Vídeo

Caso a escola não tenha o dvd em sua biblioteca, procurar o vídeo na internet.

2) CIRCULE OS SINAIS QUE COMBINAM COM A HISTÓRIA.



3) LIGUE OS SINAIS DOS MATERIAIS USADOS NA CASINHA COM OS PERSONAGENS QUE COMBINAM.



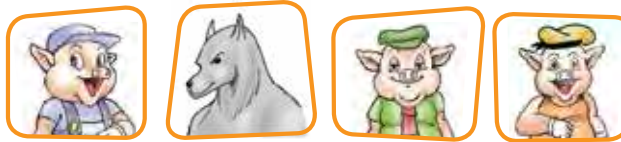
LIBRAS • 1º ANO

49

4) QUAL ERA O TIPO DE MORADIA QUE OS PORQUINHOS CONSTRUÍRAM?
ESCREVA "C" QUANDO ESTIVER CERTO E "X" QUANDO ESTIVER ERRADO.



5) LIGUE AS EXPRESSÕES FACIAIS AOS PERSONAGENS.



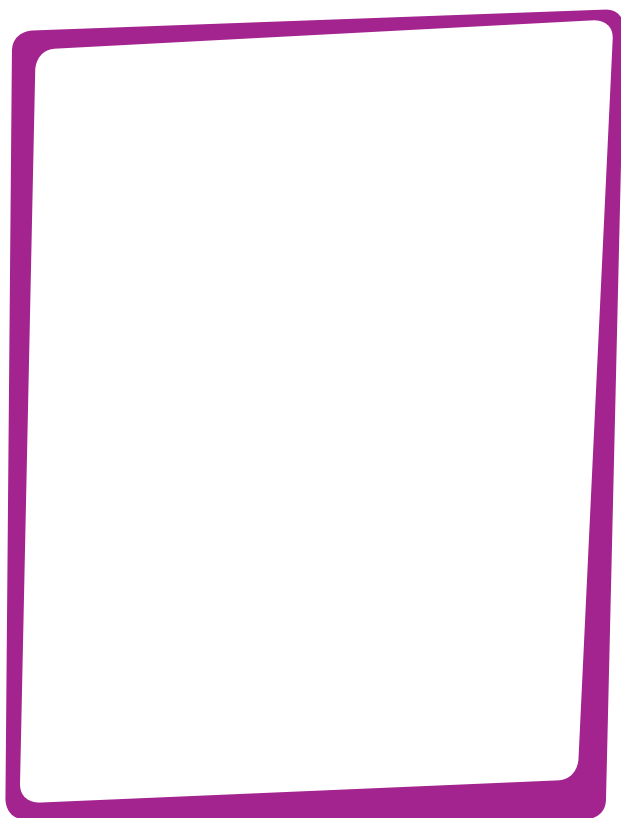
6) FAÇA UM "X" NAS IMAGENS QUE NÃO COMBINAM COM A HISTÓRIA.



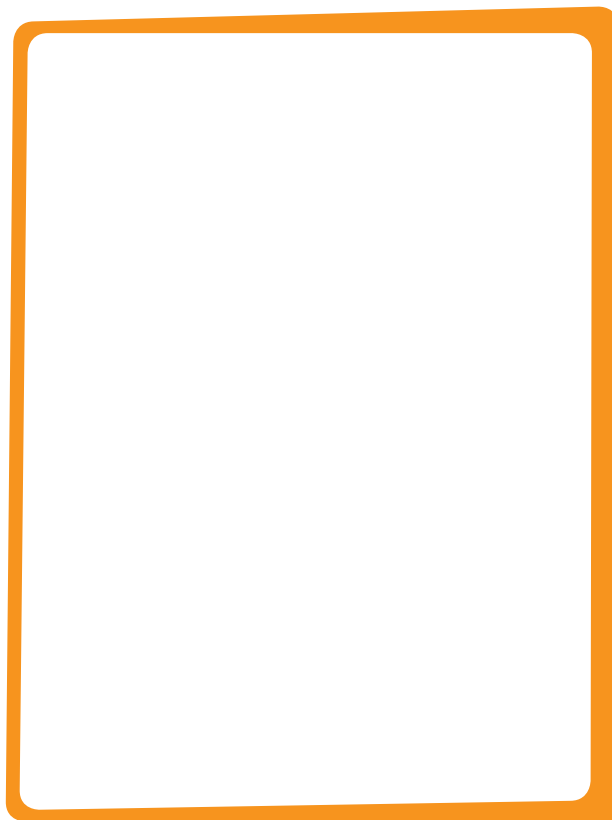
7) OS PORQUINHOS SE ESCONDERAM DO LOBO NA FLORESTA. VOCÊ CONSEGUE ENCONTRÁ-LOS?



8) DESENHE O LUGAR ONDE VOCÊ MORA.



9) CONVERSE COM SUA FAMÍLIA E, JUNTOS, PENSEM EM OUTRO FINAL PARA A HISTÓRIA. DESENHE AQUI O QUE VOCÊS CRIARAM E CONTE PARA OS SEUS COLEGAS.



ATIVIDADE 2

Conto Tradicional - Chapeuzinho Vermelho

Encaminhamento

Inicie a contação desta história através da exploração dos personagens.

Apresente aos alunos figuras dos personagens. Retire as imagens de um livro que poderá servir de base para o reconto mais tarde. Tome cuidado para não antecipar o enredo da história – apenas apresente imagens das personagens isoladamente e peça a eles que descrevam como são as pessoas que participam desta história. Este será o momento de mostrar os sinais de cada uma.

Peça aos alunos que descrevam a mãe e a avó e mostrem qual é o sinal delas.

Através das imagens, é possível antecipar como seria a personalidade de cada personagem.

Em seguida, apresente para a turma o Vídeo MEC/INES Educação de Surdos – Histórias Infantis em Língua de Sinais nº 3 “Chapeuzinho Vermelho”.

Converse com os alunos se gostaram da história e de qual parte gostaram mais. Proponha para o grupo uma dramatização.

Dica

- Leve acessórios que sirvam de fantasia, como retalhos de TNT, cabo de vassoura, uma cesta, um avental de cozinha, um lenço, um paletó, etc. Favoreça a integração com os pais, peça aos alunos que contem para eles a história a partir da sequência de imagens.

ATIVIDADE 2 CONTO TRADICIONAL - CHAPEUZINHO VERMELHO

ASSISTA AO VÍDEO DA CHAPEUZINHO VERMELHO NO DVD EDUCAÇÃO DE SURDOS – Nº 3 – HISTÓRIAS INFANTIS EM LÍNGUA DE SINAIS - INES/MEC.

VOCÊ GOSTOU DA HISTÓRIA?



1) CIRCULE O QUADRO DOS SINAIS QUE PERTENCEM À HISTÓRIA.



Vídeo

Caso a escola não tenha o dvd em sua biblioteca, procurar o vídeo na internet.

2) RECORTE DO ANEXO 6 OS SINAIS DOS ALIMENTOS QUE CHAPEUZINHO LEVAVA PARA A VOVÓ E COLE ABAIXO.

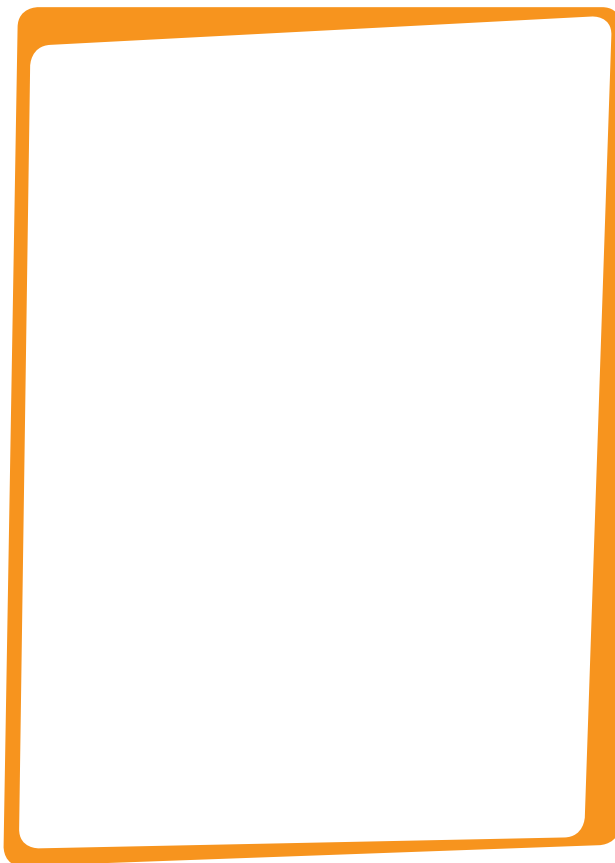


3) ENUMERE AS FIGURAS (DE 1 A 4) DE ACORDO COM A ORDEM CRONOLÓGICA. DEPOIS, PINTE!





4) O QUE ACONTECEU COM O LOBO NO FINAL DA HISTÓRIA? DESENHE.



58

• CAPERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP •

5) QUAL DESTES SINAIS COMBINA COM O CAÇADOR? RECORTE DO ANEXO 7 E COLE NAS COLUNAS: SIM E NÃO.



CONTO ACUMULATIVO

Objetivos

- Conhecer contos infantis.
- Desenvolver vocabulário.
- Desenvolver a narrativa em Libras.
- Estimular a memória das crianças em fase de estruturação da língua.
- Desenvolver a atenção.

Dica

- Aproveite a oportunidade para envolver a família neste processo de aquisição e estruturação da língua. Principalmente porque, na maioria dos casos, a Libras não circula no ambiente familiar, reduzindo-se ao âmbito escolar apenas.

ATIVIDADE 3

Conto Acumulativo - O Caso do Bolinho

Encaminhamento Antes da atividade

Leia o texto e veja o Vídeo várias vezes para se familiarizar com a história e para observar quais pontos podem ser mais enfatizados para o entendimento. Este processo de familiarização com a história também é importante para associar o contexto com outras áreas.

No momento da atividade

Pergunte aos alunos se já viram alguém da família preparando algum alimento que vá ao forno. Peça que contem como é o processo de preparo até o momento do alimento ser servido.

ATIVIDADE 3 CONTO ACUMULATIVO - O CASO DO BOLINHO

ASSISTA AO VÍDEO COM A HISTÓRIA “O CASO DO BOLINHO”, DE TATIANA BELINKY.

BELINKY, T. *O Caso do Bolinho*. 2ª Ed. São Paulo. Moderna: 2004.

VÍDEO Nº 5

VOCÊ GOSTOU DA HISTÓRIA?



1) MARQUE UM “X” NA RESPOSTA CERTA. A HISTÓRIA FALA SOBRE....:



2) QUEM PREPAROU O BOLINHO? PINTO O PERSONAGEM CERTO.



60

• CAPERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP •

Faça um levantamento com eles sobre tipos de alimentos que precisam ser assados. Pergunte se gostam de Bolinhos doces e recheados nas mesmas características do Bolinho da história. Explique para a classe que o personagem principal da história é um Bolinho doce, fofinho e cheiroso que todo mundo quer comer, mas, como ele é muito esperto, não é nada fácil pegá-lo. Apresente o Vídeo em Libras e ao final converse sobre a histó-

ria: o que mais gostaram, qual parte gostaram mais, qual personagem eles gostariam de ser. Pergunte se já viram algum Bolinho pela rua fugindo ou se isso já aconteceu em casa e deixe que a imaginação da turma se revele.

Peça que enumerem os personagens e os organize na ordem em que aparecem na história. Explore as características de cada um e as frases que eles falam. Dê ênfase às caracterís-

ticas da raposa e do Bolinho. Discuta aspectos do comportamento deles quanto ao fato de serem ou não espertos, se a raposa era surda, o fato de o Bolinho ser enganado pela sua vaidade por ouvir os elogios da raposa e se distrair esquecendo-se de fugir dela também.

Dica

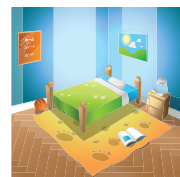
- Discuta com a turma o fato de existirem sinais diferentes para denominar surdez e o fato de não ouvir, o que se refere à pessoa que não ouve e o que se refere a uma pessoa que em, uma certa situação, não ouve algo ou finge que não ouviu.

Proporcione o reconto da história em dois momentos: um momento livre e outro dirigido. Para o momento dirigido sugira que os alunos escolham os personagens que querem ser e apenas um aluno será o Bolinho. Eleja também um narrador. É importante para a turma reconhecer que há a figura do narrador que não participa da história. Disponha o espaço de modo que o aluno que será o Bolinho possa circular entre os personagens. O narrador começa a atividade e o Bolinho vai circulando pela turma e parando na frente de cada personagem para que desenvolvam o diálogo. É importante que esta disposição seja feita de maneira que o contato visual de todos seja favorecido.

Anexo

A íntegra do texto no Anexo do Professor

3) ONDE O BOLINHO FICOU PARA QUE ESFRIASSE?



4) INDIQUE OS INGREDIENTES QUE NÃO COMBINAM COM A RECEITA DO BOLINHO?



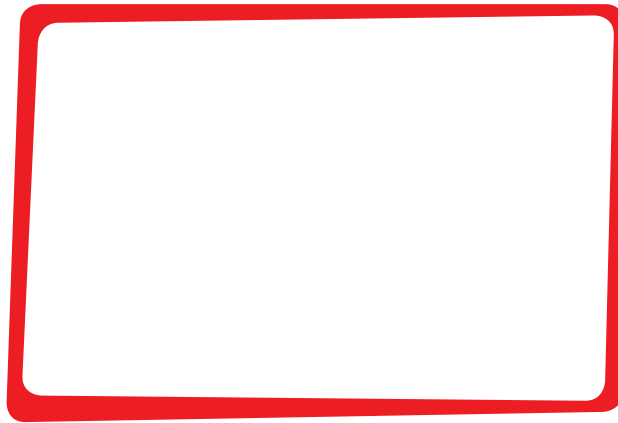
LIBRAS • 1º ANO

61

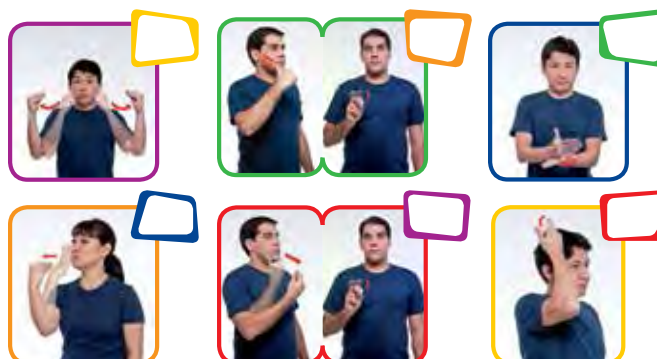
5) CIRCULE SÓ O SINAL DO PERSONAGEM QUE CONSEGUIU COMER O BOLINHO.



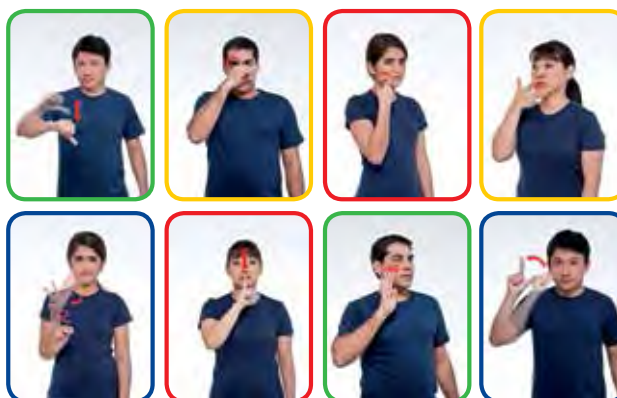
6) DESENHE AQUI COMO O PERSONAGEM FEZ PARA COMER O BOLINHO.



7) ENUMERE OS PERSONAGENS DE ACORDO COM A ORDEM QUE APARECEM NA HISTÓRIA.



8) A RAPOSA FEZ UMA PORÇÃO DE ELOGIOS SOBRE O BOLINHO. CIRCULE OS SINAIS QUE CORRESPONDEM A ELOGIOS.



9) PINTA O LUGAR ONDE O BOLINHO FOI FEITO.



10) ESCOLHA UMA COMIDA DE QUE VOCÊ GOSTA E COLE, OU DESENHE, UMA IMAGEM QUE A REPRESENTA. EM SUA CASA, PEÇA PARA ALGUÉM EXPLICAR COMO SE FAZ PARA PREPARÁ-LA. DEPOIS, CONTE PARA SEUS COLEGAS E PARA A SUA PROFESSORA.



11) LIGUE OS ALIMENTOS ÀS EXPRESSÕES FACIAIS CORRESPONDENTES.



HISTÓRIA ABC

Objetivos

- Conhecer a história ABC como forma de manifestação artística da língua de sinais.
- Compreender a temática trazida pelo texto poético.
- Appreciar poesia em língua de sinais.
- Descrever objetos, pessoas e espaços físicos exercitando novas formas de expressão de sua língua e subjetividade.
- Observar o uso das configurações de mão, localização, movimento, orientação das palmas das mãos e expressões faciais na realização dos sinais.

ATIVIDADE 4

História ABC - Pintor de A a Z

Encaminhamento

Organize os alunos em semicírculo, de modo que todos possam ver a projeção com qualidade e discutir em grupo.

Apresente a poesia para o grupo, quantas vezes houver solicitação dos alunos, para que possam apreciar o texto.

Converse com os alunos sobre a temática apresentada. Espere-se que os alunos comentem que se trata de um pintor produzindo um quadro e que a narrativa segue a ordem do alfabeto. Se isso não ocorrer, formule perguntas a esse respeito.

Incentive os alunos a recitar a poesia, memorizando-a.

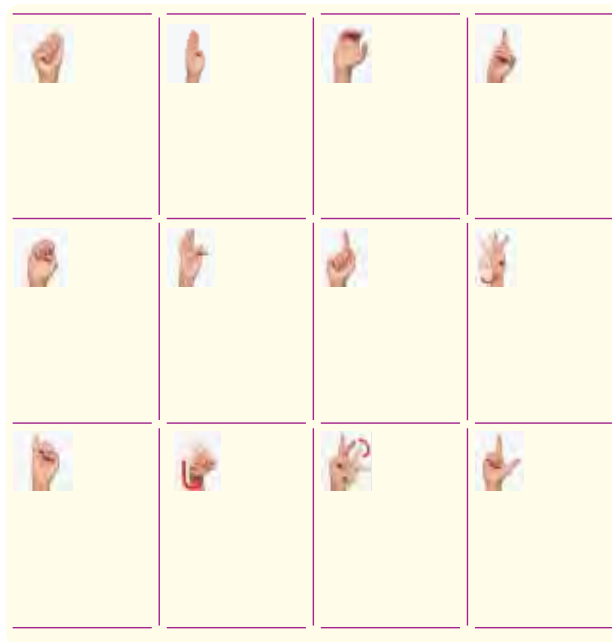
ATIVIDADE 4 POESIA - PINTOR DE A A Z

ASSISTA AO VÍDEO COM A HISTÓRIA ABC “PINTOR DE A A Z” DE NELSON PIMENTA DA COLEÇÃO LITERATURA EM LIBRAS DA LSB VÍDEO .



VÍDEO Nº 6

DESENHE A HISTÓRIA ABC - “PINTOR DE A A Z”

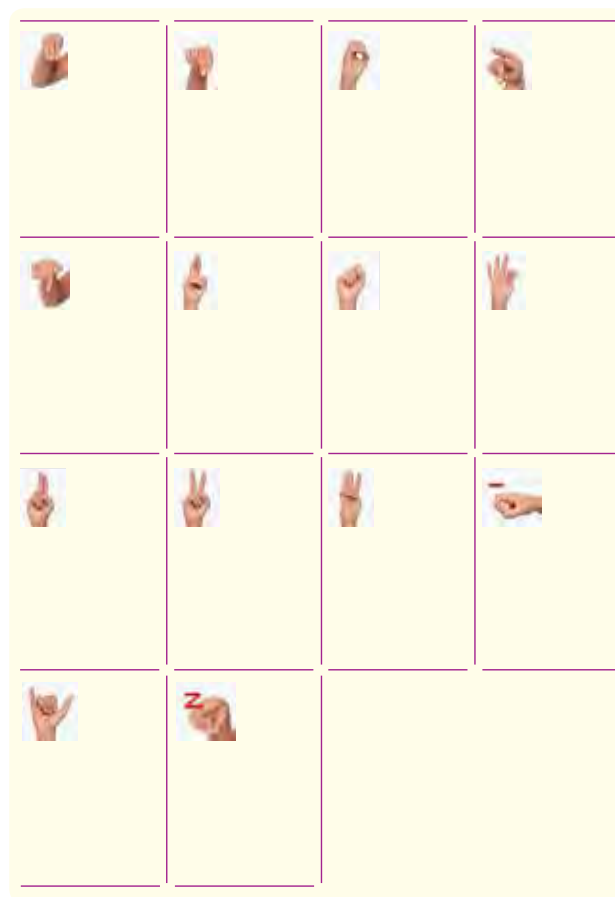


66

• CAPERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP •

Dica

- Filmar os alunos recitando a história é um recurso muito útil para que cada um possa observar a própria performance e aprimorá-la.



POESIA

Objetivos

- Conhecer a poesia como forma de manifestação artística da língua de sinais.
- Compreender a temática trazida pelo texto poético.
- Apreciar poesia em língua de sinais.
- Descrever objetos, pessoas e espaços físicos, exercitando novas formas de expressão de sua língua e subjetividade.
- Observar o uso das configurações de mão, localização, movimento, orientação das palmas das mãos e expressões faciais na realização dos sinais.

ATIVIDADE 5

Poesia - Briga entre Irmãos

Encaminhamento

Organize os alunos em semicírculo, de modo que todos possam ver a projeção com qualidade e discutir em grupo. Apresente a poesia para o grupo, quantas vezes houver solicitação dos alunos, para que possam apreciar o texto.

Converse com os alunos sobre a temática apresentada. Espere-se que os alunos comentem que se trata de uma briga entre duas pessoas, possivelmente irmãos, crianças ou adolescentes. Se isso não ocorrer, formule perguntas a esse respeito para ajudar os alunos a estabelecer relações com esta temática.

Incentive o aluno a recitar a poesia, memorizando-a.

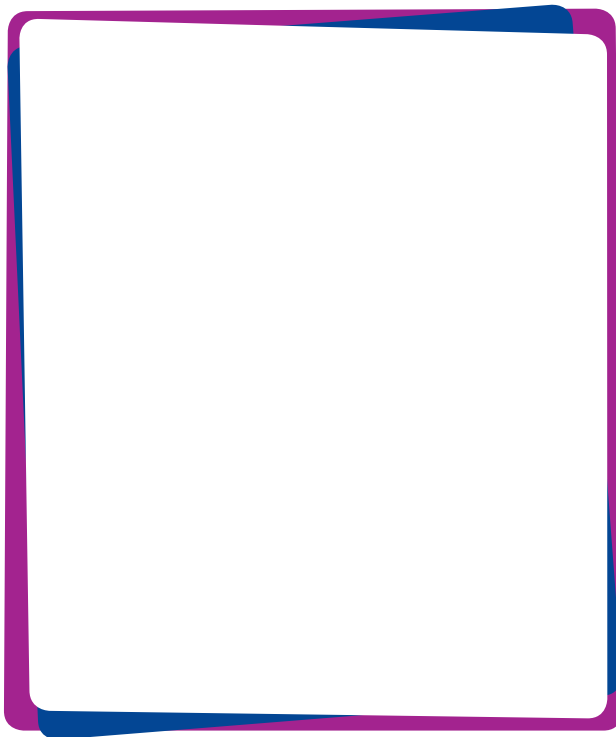
ATIVIDADE 5 POESIA - BRIGA ENTRE IRMÃOS

ASSISTA AO VÍDEO COM A POESIA “BRIGA ENTRE IRMÃOS”, DE SAMARA LIMA SILVA.



VÍDEO Nº 7

DESENHE A HISTÓRIA DA POESIA “BRIGA ENTRE IRMÃOS”.



68

CAPERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

OUTROS TEXTOS

UNIDADE

4

TEXTO INSTRUCIONAL

Objetivos

- Interpretar informações espaciais de roteiros e mapas.
- Expressar conceitos de lateralidade .
- Reconhecer diferentes percursos e ser capaz de descrevê-los.

ATIVIDADE 1

Como ligar o computador?

Ligue o estabilizador ou filtro de linha, depois ligue a CPU. Digite a senha de acesso, se houver.

Encaminhamento

Assista ao vídeo com seus alunos e ligue com o grupo um computador a que as crianças tenham acesso e possam desenvolver autonomia na realização desta tarefa.

ATIVIDADE 1 COMO LIGAR O COMPUTADOR



DIAGRAMA

Objetivos

- Ler e explicar diagrama.
- Procurar informações em um texto.
- Conhecer representação numérica em Libras.
- Desenvolver noção de temporalidade e sequência.

ATIVIDADE 2

Diagrama - Salada de frutas

Encaminhamento

Apresente o vídeo do diagrama da receita.

Converse com os alunos sobre as informações trazidas pelo vídeo: o que representa? (uma receita), para fazer o quê? (salada de frutas), quais são as orientações da receita? (usar frutas, picar, onde colocar, misturar...). Solicite que os alunos observem a receita no livro e retome a conversa anterior.

Releia o diagrama com os alunos para definir o que será necessário trazer para sua realização. Em seguida, decida com eles o que cada um deverá trazer. Usando a receita como base, faça a salada de frutas com os alunos.

Depois de experimentarem a salada de frutas, converse sobre o que cada aluno achou (se gostou ou não gostou). Na relação discursiva, é necessário evidenciar.

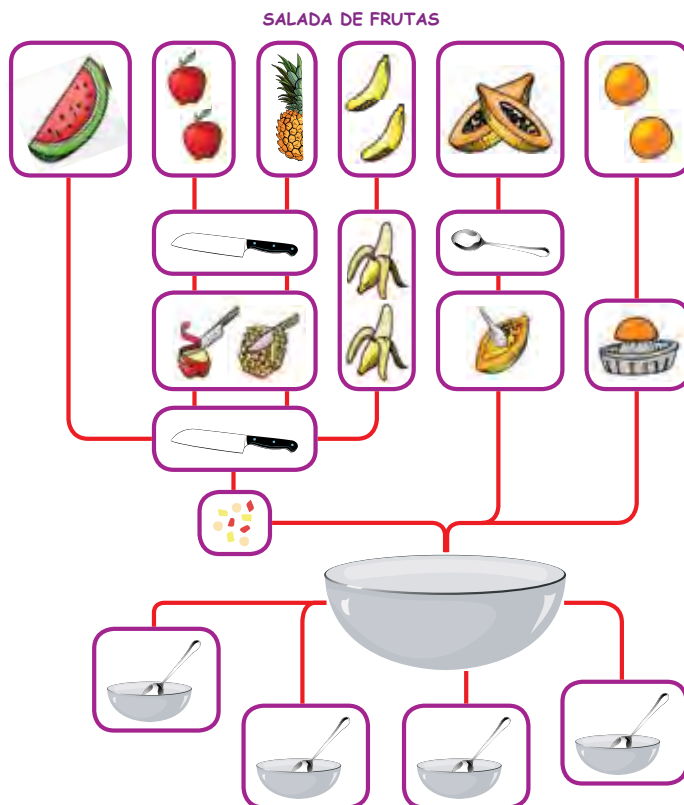
- Quantidade.
- Sinais de frutas.
- O que gosta e não gosta.

ATIVIDADE 2 DIAGRAMA- SALADA DE FRUTAS

LEIA A RECEITA.



VÍDEO Nº 9



LIBRAS • 1º ANO

71

Dica

- Chame a atenção dos alunos em relação às quantidades de frutas que aparecem, inclusive à noção de metade (a receita indica meio abacaxi).
- Antes de começar, oriente os alunos em relação à higiene. Os alunos devem lavar as mãos e tomar cuidado para não sujá-las novamente.

ATIVIDADE 3

Diagrama - Receita

Objetivos

- Desenvolver de habilidades de produção de texto: diagrama.
- Exercitar a memória.

Encaminhamento

Converse com os alunos sobre outras receitas que conhecem (já viram alguém fazer) e solicite aos pais dos alunos que expliquem outra receita (pode ser por escrito).

Leia para os alunos as receitas recebidas e escolha com eles aquela que será feita, considerando a dificuldade e as possibilidades oferecidas pela escola.

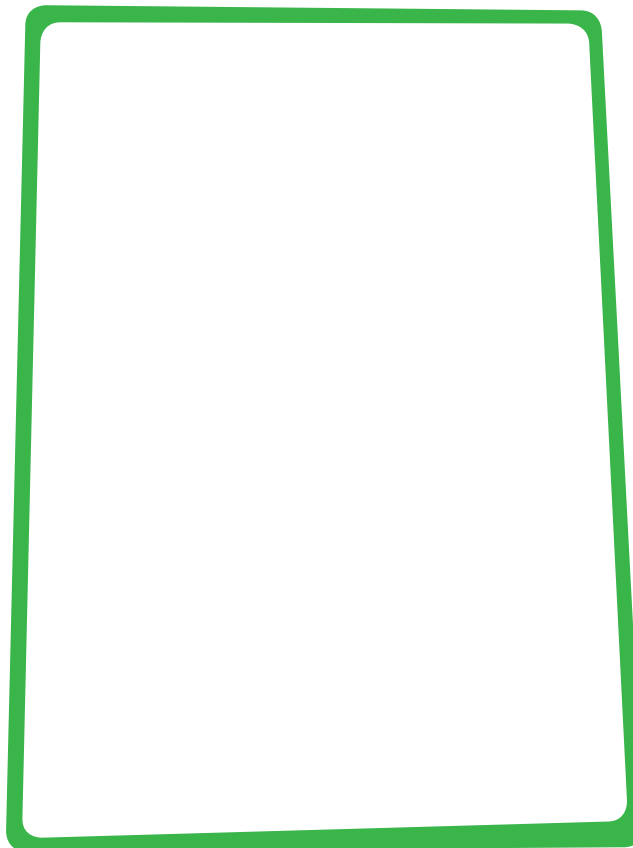
Combine com os alunos para trazerem os ingredientes necessários. Explique aos alunos detalhadamente a receita, para que eles participem dela sabendo das várias etapas e resultado previsto.

Retome com os alunos a receita realizada. Faça o registro sob forma de diagrama a partir das informações que os alunos trazem. Se eles esquecerem de algo, oriente com perguntas. Não deixe de colocar um título na receita.

Oriente os alunos a registrarem o diagrama da receita no próprio livro. Oriente os alunos para que levem para casa o livro e mostrem aos pais. Dessa maneira, a família terá uma possibilidade diferenciada de diálogo em casa, podendo conversar sobre a receita.

ATIVIDADE 3 DIAGRAMA - RECEITA

REGISTRE A RECEITA DO GRUPO.



72

• CAPERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP •

RECADO

Objetivos

- Compreender que recado é uma mensagem que uma pessoa envia para outra. Pode ser escrito, sinalizado ou falado.
- Conhecer o gênero recado.
- Elaborar recados.
- Exercitar a memória.

ATIVIDADE 4

Recados - A, B, C

Encaminhamento

Assista a cada situação no Vídeo e peça aos alunos que identifiquem e circulem no livro cada ilustração relacionada.

Chame a atenção dos alunos para a função social do recado. Solicite aos alunos que transmitam recados para os diferentes profissionais da escola (solicite objetos e informações para a secretaria ou para outros professores, de modo que o aluno vivencie a função social do recado).

Trabalhe com duplas, para que um aluno apoie o outro na comunicação.

Solicite aos alunos que transmitam recados para os pais.

Dica

- Oriente os pais sobre a importância dos recados em Libras. Informe os pais ou responsáveis sobre o trabalho que você irá desenvolver com seus alunos, solicitando parceria.

ATIVIDADE 4 RECADO

CIRCULE A ILUSTRAÇÃO QUE CORRESPONDE AO RECADO A.



VÍDEO Nº 10



LIBRAS • 1º ANO

73

CIRCULE A ILUSTRAÇÃO QUE CORRESPONDE AO RECADO B.



CIRCULE A ILUSTRAÇÃO QUE CORRESPONDE AO RECADO C.



ATIVIDADE 5

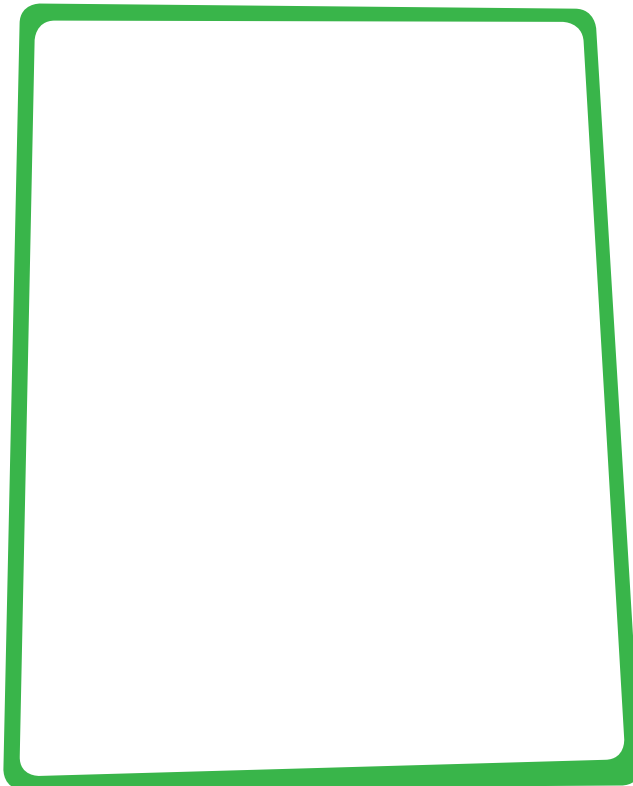
Análise de recados

Encaminhamento

Filme situações dos alunos passando recados na escola e analise com eles se a mensagem foi entendida.

ATIVIDADE 5 ANÁLISE DE RECADO

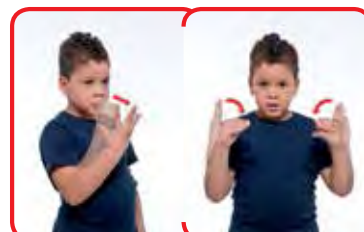
ASSISTA A UM VÍDEO EM QUE VOCÊ E SEUS COLEGAS PASSAM RECADOS E ANALISE SE A MENSAGEM FOI TRANSMITIDA DE MANEIRA COMPREENSÍVEL. REGISTRE SUA ANÁLISE.



ATIVIDADE 6 EXPRESSÕES DE CORDIALIDADE

LIGUE O SINAL AO CUMPRIMENTO ADEQUADO.

VÍDEO Nº 11



ADIVINHAS

Objetivos

- Descrever objetos, pessoas e espaço físico, exercitando novas formas de expressão de sua língua e subjetividade.
- Participar de atividades de adivinhas.

ATIVIDADE 7

Adivinhas

Encaminhamento

Apresente a sequência de adivinhas para o grupo, quantas vezes houver solicitação dos alunos, para que possam apreciar e refletir sobre o texto.

Converse com os alunos sobre a temática apresentada. Espera-se que os alunos adivinhem a resposta e comentem. Se isso não ocorrer, formule perguntas que ajudem a elaborar a resposta.

- **Adivinha A:** O que é o que é? Sou um alimento feito de farinha. Com manteiga, todos gostam. Resposta: pão.
- **Adivinha B:** O que é, o que é? Tem coroa, mas não é rei, tem espinho mas não é peixe? Resposta: abacaxi.
- **Adivinha C:** O que é uma casinha branca sem tranca e sem janela? Resposta: ovo.
- **Adivinha D:** O que é, o que é? Não se come, mas é bom para comer? Resposta: garfo.

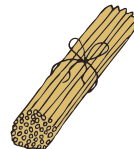
ATIVIDADE 7 ADIVINHAS

DE ACORDO COM A ORDEM DAS ADIVINHAS QUE VOCÊ VIU NO DVD, FAÇA AS ATIVIDADES ABAIXO:



VÍDEO Nº 12

ESCOLHA ENTRE OS DESENHOS A RESPOSTA DA ADIVINHA A.



DESENHE A RESPOSTA DA ADIVINHA B.



78

• CAPERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP •

Incentive os alunos a produzir adivinhas para brincarem entre eles. Pode-se utilizar como temática inicial os próprios alunos, de modo que eles forneçam características físicas dos colegas para adivinharem de quem estão falando.

CIRCULE A RESPOSTA DA ADIVINHA C.



CIRCULE A RESPOSTA DA ADIVINHA D.



ANEXOS



Unidade 3 - Atividade 3

O Caso do Bolinho

Belinky, T. **O Caso do Bolinho.**
2ª Ed. São Paulo. Moderna: 2004.

Era uma vez um Vô e uma Vó. Um dia o Vô acordou e disse:

- Vá, minha velha, e faça um Bolinho gostoso pra gente comer.

A Vó pegou dois punhados de farinha, recheou a massa com creme de leite, formou um Bolinho redondinho e pôs fogo pra assar. O Bolinho ficou dourado e cheiroso, e a Vó o colocou na janela pra esfriar. No começo o Bolinho ficou lá, bem quieto. Mas logo cansou de estar parado e começou a rolar.

Rolou da janela pra cadeira, da cadeira pro assoalho, do assoalho pra porta, e foi rolando pela porta afora até cair no quintal. E foi rolando e rolando, do quintal pra porteira e da porteira pra fora, até chegar na estrada. E lá se foi o Bolinho rolando pela estrada, até que encontrou uma lebre.

- Bolinho, Bolinho, eu vou papar você - disse a lebre.

- Não me pape não, dona lebre - disse o Bolinho.
- Deixe eu cantar uma canção pra você:

“eu sou um Bolinho,
redondo e fofinho,
de creme recheado,
na manteiga assado,
deixaram-me esfriando,
mas eu fugi rolando!
o vô não me pegou,
a vó não me pegou,
nem você, dona lebre,
vai me pegar!”

E saiu rolando, antes que a lebre pudesse piscar um olho.

Rola que rola, até que encontrou um lobo.

- Bolinho, Bolinho, eu vou papar você - disse o lobo.

- Não me pape não, deixe eu cantar uma canção pra você:

“eu sou um Bolinho,
redondo e fofinho,
de creme recheado,
na manteiga assado,
deixaram-me esfriando,
mas eu fugi rolando!
o vô não me pegou,
a vó não me pegou,
a lebre não me pegou,
nem você, Lobo Bobo,
vai me pegar!”

E saiu rolando, antes que o lobo pudesse piscar um olho. Rola que rola, até que encontrou uma raposa, bicho artiloso demais.

- Bolinho, Bolinho, pra onde vai rolando? - perguntou a raposa, muito amável.

- pela estrada afora, como você está vendo - respondeu o Bolinho.

- Bolinho, Bolinho, cante-me uma canção - pediu a raposa, toda mansinha.

“eu sou um Bolinho,
redondo e fofinho,
de creme recheado,
na manteiga assado,
deixaram-me esfriando,
mas eu fugi rolando!
o Vô não me pegou,
a Vó não me pegou,
a Lebre não me pegou,
nem você, Dona Raposinha,
Vai me pegar!”

E a raposa, muito esperta, disse então:

- que bela canção, Bolinho! Pena que eu sou dura de ouvido, não escuto muito bem. Lindo Bolinho, pula no meu focinho, fica mais pertinho, pra ouvir você direitinho! O boboca do Bolinho pulou no focinho da raposa, e a raposa, nhoc!, papou o Bolinho inteirinho, sem mastigar!

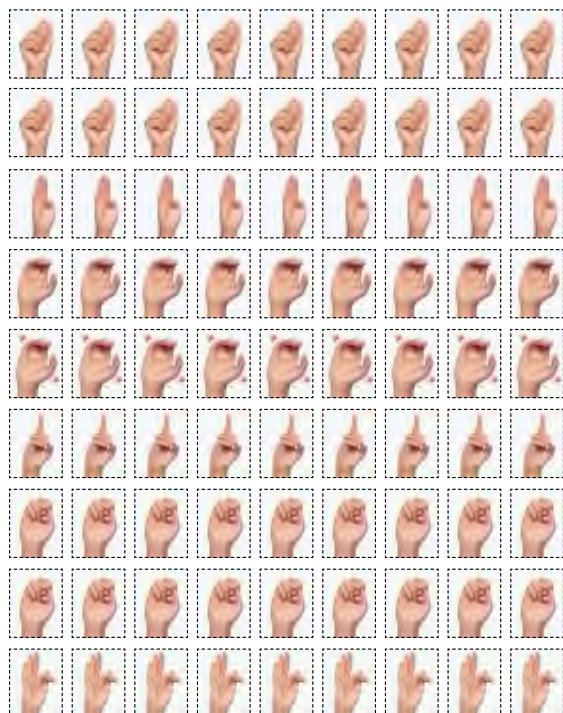
ANEXO 1 - ALFABETO DIGITAL PARA CONSULTA.

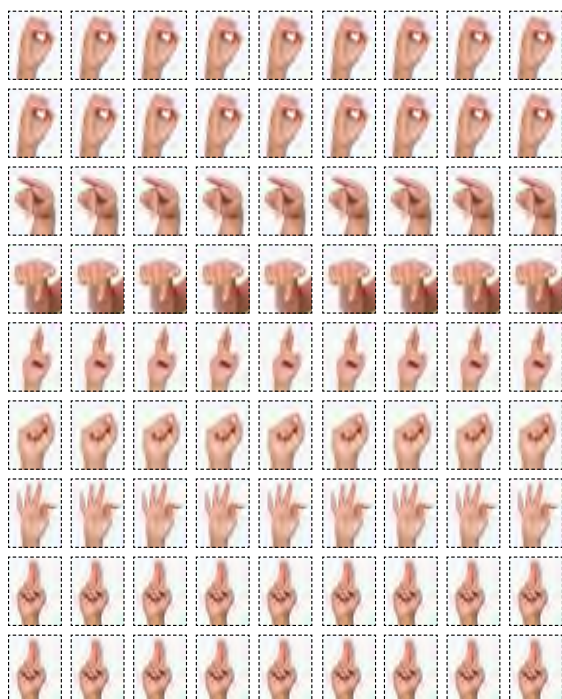


ANEXO 1 - NUMERAIS PARA CONSULTA.

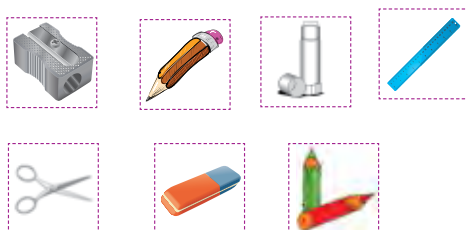


ANEXO 2 - ALFABETO DIGITAL PARA RECORTAR.





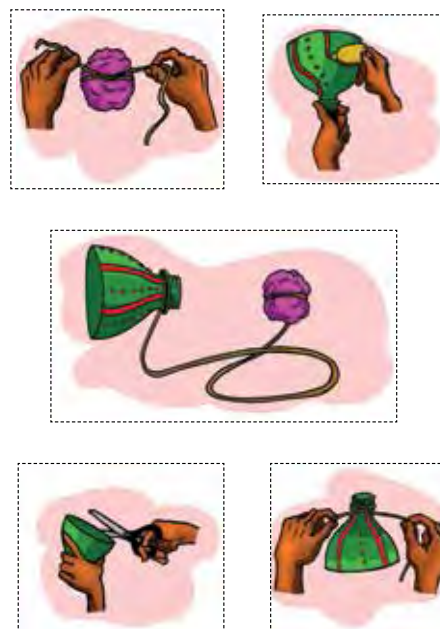
ANEXO 3 - MATERIAIS ESCOLARES.



ANEXO 4 - SINAIS DE GELATINA, SORVETE, PIPOCA, VIVO, MORTO E DORMIR.



ANEXO 5 - BILBOQUE.



ANEXO 6 – ALIMENTOS DA CHAPEUZINHO VERMELHO.



ANEXO 7 – CARACTERÍSTICAS DO CAÇADOR DA CHAPEUZINHO VERMELHO.



